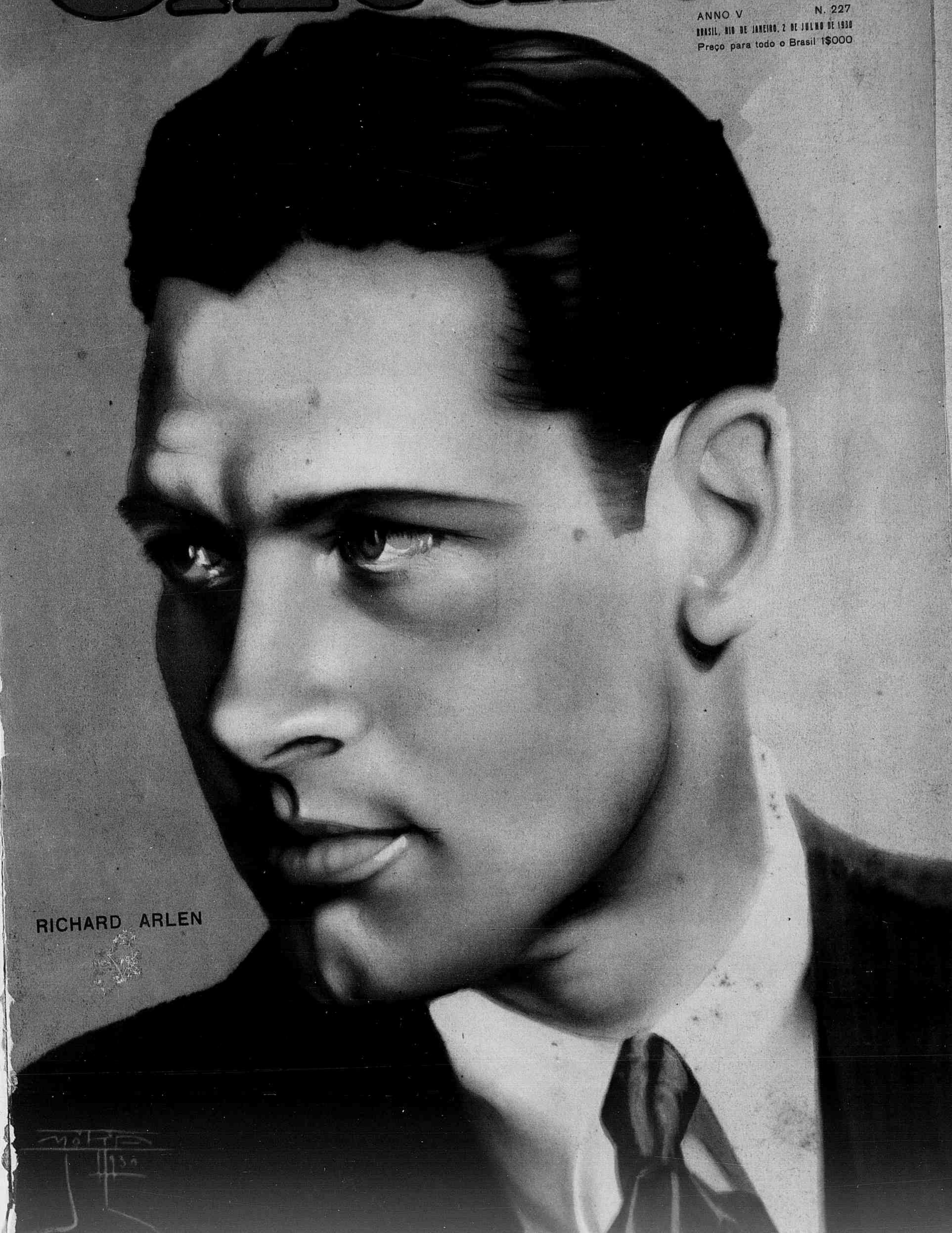
Cinearte

ANNO V N. 227

BRASIL, RIO DE JANEIRO, 2 DE JULHO DE 1930

Preço para todo o Brasil 1$000

RICHARD ARLEN

Companhia Brasil Cinematographica (Rio)

O PROGRAMMA SERRADOR

que tem apresentado films em INGLEZ, em FRANCEZ e em HESPANHOL está apresentando agora o seu film

FALADO E CANTADO EM ALLEMÃO

adaptação da peça famosa de H. KISTEMAECKERS

A NOITE É NOSSA

DIE NACHT GEHOERTE UNS

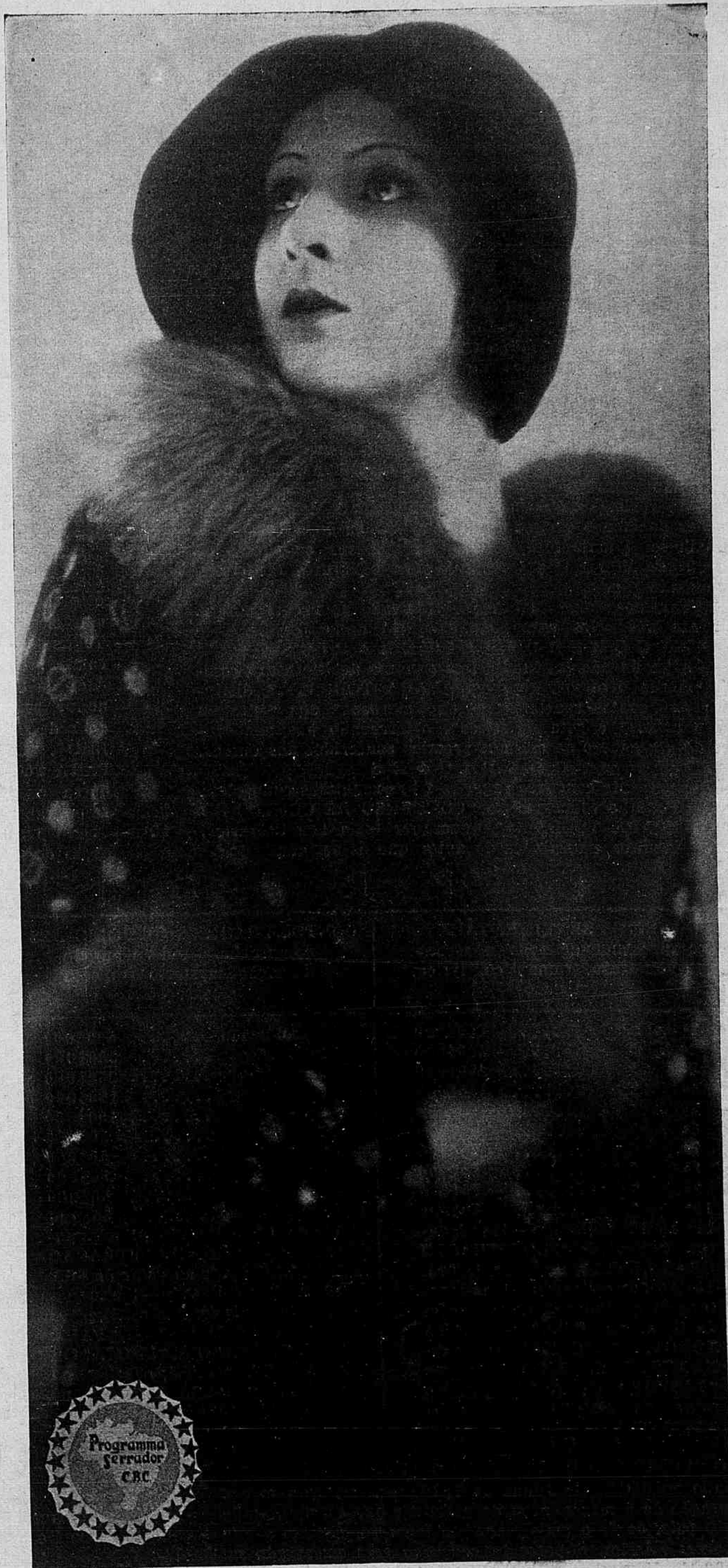
com a linda CHARLOTTE ANDER

LEGENDAS EM PORTUGUEZ

Producção de FROELICH FILM

Som pelo processo TOBIS

HOJE, NO CINEMA

GLORIA

Soc. An. Empreza Serrador (São Paulo)

CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..."

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencantal-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quér sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª. — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamem, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

BREVEMENTE
NO
Capitolio
DO RIO DE JANEIRO
E NO
CINE PARAMOUNT
DE SÃO PAULO:
O REI
VAGABUNDO
com Dennis King,
Jeanette Mac Donald e Lilian Roth
em Um romance heroico, cantado e falado em côres naturaes com titulos em portuguez da
PARAMOUNT

PROPOSITO de direitos autoraes, de varios leitores temos recebido cartas, contendo consultas. A materia é importante, justamente agora, quando a industria cinematographica tende a desenvolver-se no paiz. A jurisprudencia sobre a materia é infirme e as opiniões dividem-se á mingua de uma legislação á altura, por isso que a nossa é chaotica, absolutamente chaotica, destinada, parece, a suscitar duvidas, entreter polemicas.

Senão vejamos.

O direito autoral desde o imperio era regulado apenas pelo codigo penal até que o escriptor e deputado Medeiros e Albuquerque tomou a iniciativa da lei que é conhecida pelo seu nome e vigorou até 1918, quando foi promulgado o Codigo Civil.

A lei Medeiros e Albuquerque fazia depender a garantia dos direitos de autor, do registro, feito dentro do prazo de dois annos da publicação, na Bibliotheca Nacional. Toda obra publicada, e não registrada dentro daquelle prazo, cahia no dominio publico.

O Codigo Civil, posto em vigor em 1918, pareceu a muitos, inclusive o proprio autor, o dr. Clovis Bevilaqua, que havia revogado toda legislação anterior pertinente á materia.

O *Bureau Internacional* de Berne, sustentara, entretanto, o contrario: que o Codigo não parecia haver invalidado grande parte dos dispositivos da legislação anterior. O legislador tambem parece haver sido dessa opinião quando ao votar as leis Xavier Marques e Getulio Vargas, sobre a materia, fez a mesma legislação referencia, não só á Lei Medeiros, mas ainda ao Codigo Penal do Imperio.

O consultor geral da Republica, dr. Solidonio Leite, em consulta feita pelo Director da Bibliotheca Nacional, deu parecer com o qual se conformou o governo, dando, por essa forma, interpretação official a materia tão controvertida.

Assim, contra a opinião do dr. Clovis Bevilaqua e muitos advogados que sustentam que o direito autoral independe da formalidade do registro, a doutrina official é de que esse direito só é garantido pelo registro effectuado em estabelecimento publico (Biblioheca, Escola de Bellas Artes e Instituto Nacional de Musica, conforme a natureza do objecto a registrar).

O prazo de dois annos, fixado pela lei Medeiros, esse sim foi revogado, podendo o registo ser effectuado em qualquer tempo.

Está assim respondida uma parte das consultas que sobre o assumpto temos recebido.

Vejamos agora a outra.

Ha uma porção de livros publicados no Brasil, na vigencia do Codigo Penal, uns, da lei Medeiros, outros, que cahiram no dominio publico, pela extincção do periodo de garantia no primeiro caso, e por não haverem sido registrados em tempo habil, no segundo.

Verdade é que certos editores inescrupulosos allegam a propriedade de muitos. Essa propriedade, porém, é mera allegação, sem prova.

Por via de regra, nossos autores, outrora, escreviam, as mais das vezes, pelo prazer de escrever, porque se o fizessem com mira no lucro, com o proposito de viverem da penna, morreriam de fome.

Se a familia de José de Alencar, ou a de Joaquim Manoel de Macedo, basta citar esses dois, tivessem auferido 20 por cento apenas, dos lucros, que aos editores têm dado os milhares de exemplares, das obras desses dois romancistas, vendidas, desde a data de sua publicação, até hoje, poderiam viver desses lucros.

Mas, toda gente sabe que jamais receberam nem um centesimo por cento...

E, assim, a maioria.

De sorte, que difficilimo se tornará aos editores provar a cessão de direitos, imprescindivel para prova da propriedade.

A cessão, necessariamente, teria de ser feita mediante um pagamento qualquer.

E esse pagamento, cremos, é que jamais foi effectuado.

O aproveitamento, pois, de varios dos nossos livros mais conhecidos para fins cinematographicos, póde ser feito sem attenção a reclamações descabidas, que não se estribam em direito liquido e certo.

Uma consulta á Bibliotheca Nacional, em cada caso, occurrente, representará cautela, que julgamos de conveniencia.

Quanto á garantia dos films, cabe o registro á Escola de Bellas Artes, considerada a cinematographia como photographia animada.

A lei do registro exige de facto o *deposito de dois exemplares* do objecto a registrar; a interpretação exacta da lei obrigaria o productor, portanto, ao deposito de *duas copias;* esse rigor seria ruinoso, tornaria impossivel o registro. Assim, a direcção da Escola mais liberalmente, ao que nos informam, tem permittido o registro dos films mediante a descripção do entrecho, acompanhada de algumas photographias das scenas capitaes.

E' quanto sobre o assumpto podemos informar, para conhecimento dos que nos consultaram a respeito.

MARY BRIAN

brevemente, expostos ao publico. O director é desconhecido do nosso meio cinematographico.

—

Temos recebido, de todos os pontos do Paiz, reclamações por não se ter exhibido, ainda, "Sangue Mineiro" entre os mesmos. E, além disso, de outros logares, aonde já se exhibiu o film, reclamações pelo descaso com que o seu lançamento foi feito. Isto nada mais é do que descuido lamentavel do Programma Urania, distribuidor do film, que, apesar de se tratar de um moderno film brasileiro, com todas as propabilidades de bilheteria, nada tem feito para realçar este mesmo valor. Isto tudo, realmente, não deixa de ser desagradavel. Tanto mais quanto se trata de um dos melhores trabalhos brasileiros até hoje feitos.

—

Seguiu hontem para a Europa, em viagem que se prende tambem á alguns assumptos da "Cinédia", a estrella do seu primeiro film, "Labios sem Beijos". Lelita Rosa. Passará ella, em Paris, cerca de 30 dias, occupando-se, entre outras cousas, com a compra de diversos e variados modelos de figurinos o que serão, quando do seu regresso, a sensação do seu proximo film, que marcará, ainda, uma novidade para os "fans". Pelo seu argumento e pela opportunidade que, como estrella, nelle terá Lelita Rosa. Para terminar o seu trabalho, dando-lhe tempo para tratar dos seus arranjos para o embarque, a "Cinédia", providenciou, sob as ordens do director Humberto Mauro, todos os detalhes para que fossem atacadas severa-

Crizetta Moreno e Emilio Dumas numa scena de "Eufemia" da Internacional.

Prosegue a filmagem de *Limite* film realista que Mario Peixoto tá fazendo. Para tanto, já dirsas sequencias foram filmadas ha dias, foi contractada, seguin- immediatamente para o local da magem, a interessante figura Yolanda Bernardi. Extra, já, tantos films brasileiros, e ago- elevada á cotegoria maior. rio Peixoto escolheu-a no alm de elencos de CINEARTE e mediatamente a contractou para sempenho desse importante pa-. Como se sabe, além de Raul nnoor, figuram, no mesmo, o oprio Mario Peixoto e Brutus lreira, tambem um dos mais eressados elementos para a conção deste trabalho.

Edgar Brasil está encarregado toda parte photographica e de minação.

—

negocios seus particulares, es-, ha dias, comnosco, José Me-, um dos pioneiros do Cinema sileiro. E, tambem, um dos dires paulistas que maior nu- de films até hoje fez. Entre, pela sua bôa acceitação, em Paulo, quando da sua exhibicita-se *Fragmentos da Vida*, um film curto que agradou pela unidade da sua technica e do seu desempenho.

Accompanha-o, Carlos Ferreira, seu inseparvel amigo e artista de quasi todos os seus films. Ambos, durante os rapidos instantes que aqui passaram, tiveram occasião de visitar o "Cinédia Studio", por cuja construcção Medina se mostrou enthusiasmadissimo e promettendo, mesmo, tão breve elle se ache concluido, vir até aqui para a confecção de um de seus trabalhos. O que será, portanto, um dos primeiros passos que se dão para a tão falada unidade de productores, sob um mesmo ponto de vista, que agora já se transforma em realidade.

—

De regresso de sua viagem aos Estados do Sul, esteve dias comnosco, Isaac Saidenberg, productor de "Escrava Isaura", da Metropole Film. Visitando-nos manifestou o seu enthusiasmo pelas vantagens que o mercado brasileiro offerece ás producções brasileiras. E contando tambem, além disso, que é, aliás, o seu enthusiasmo todo, pelo numero grande de viagens que tem feito, por diversos Estados, com o seu film. Justamente por isso está preoccupado em começar immediatamente um novo film que será mais um trabalho historico, extrahido de conhecido romance, cujos planos já estão adiantados e que serão,

José Medina e Carlos Ferreira, no dia da visita ao "Cinédia Studio".

mente as filmagens do mesmo. E, assim, durante 15 dias, e; mesmo, algumas noites, este vê o *unit* de *Labios sem Beijos* em actividade extrema, realizando todo o trabalho de Lelita Rosa, dentro da mais apurada technica, em nada prejudicada, áliás, pelo activamento das filmagens. Assim, para terminar o film, restam, apenas, as sequencias interpretadas por Tamar Moema. Que, depois de realisadas, marcarão o encerramento dos trabalhos de filmagem deste film, o primeiro que a "Cinédia" vae lançar ao mercado brasileiro, para alegria dos já não pequenos "fans" do Nosso Cinema. Nós já desejamos, pesoalmente, á Lelita, a melhor das viagens e o mais rapido dos regressos. Para não ficarmos aqui. Saudosos e tristes. A' espera do seu inestimavel valor e da sua personalidade estupenda. Mas qual o "fan" que tambem não deseja tudo isso á Lelita Rosa? Uma das mais legitimas glorias do Cinema Brasileiro? Haverá um, que seja?

Lemos no "Diario da Noite" de São Paulo:

"*A's Armas!*, o film dirigido por Octavio Mendes, não tardará a ser exhibido, esperando-se, com certa ansiedade, o seu apparecimento na téla dos nossos cinemas, pois o seu director é, sem duvida, dos mais competentes cinematographistas brasileiros. Os letreiros da nova producção nacional foram feitos pelo sr. Guilherme de Almeida, que, assim, adheriu ao Cinema indigena de cuja existencia, durante longo tempo, elle não deu conta, allegando motivos de esthetica e de bom gosto".

A Paramount, ultimamente, tem programma certo para 62 films feitos em lingua estrangeira, annuaes. Entre os artistas recentemente contractados, excluindo-se os francezes, que, como se sabe, foram contractados em grande escala, com Sacha Guitry, Yvonne Printemps e mais outros, que Jesse L. Lasky poz sob grande contracto, por 5 annos, para as producções que serão feitas sob o controle de Robert T. Kane, existem, ainda, outros; hespanhóes, allemães e de outras linguas, ainda. Agora, por exemplo, vamos ter uma versão hespanhola do successo theatral "Grumpy" que, igualmente, está sendo feito em versão ingleza. E, para este papel e para mais 5 annos de contracto, a Paramount acaba de contractar Ernesto Vilches, celebre artista que, com Irene Heredia, ha annos, já fez, mesmo; uma temporada theatral entre nós. Assim, pois, é, a Paramount; uma das primeiras fabricas a se atirar francamente na producção de films para o mercado estrangeiro.

Gina Cavalliere e Maximo Serrano, durante a filmagem de "Labios sem Beijos".

Pedro Fantol e as suas abelhas de Cataguazes.

"El Hombre Malo", será a versão hespanhola de "The Bad Man", que a Warner está fazendo, com Antonio Moreno, Rosita Ballestero, Andres De Segurola, Dehlia Magana, Conchita Ballestero e Juan Torena.

"Morocco", da novela "Amy Jolly", de Benno Vigny, será o proximo "super" de Gary Cooper. Terá, como companheira, a recentemente importada estrella da Ufa, Marlene Dietrich. Josef Von Sternberg dirigirá. O film é todo falado.

As irmãs G., as "Dolly Sister" da Allemanha... Que Carl Laemmle importou para figurarem em "King of Jazz", estão, agora, com a First National, figurando em "Mademoiselle Modiste".

ERNANI AUGUSTO

A Paramount fez uma versão hespanhola do seu recente successo, *Paramount on Parade*. Nelle, figuram Rosita Moreno, Juan Pulido, Argentinita, Barry Norton, Ramon Pereda, Olga Marye e outros. A supervisão esteve á cargo de Geoffrey Shurlock.

Michael Visaroff, um russo que, nos films, nunca foi além de papeis secundarios. Uns, mesmo, bem mal feitos, até, acaba de fundar uma escola de "arte" e ensino completo de palco e "film falado", em 3 mezes. A sua escola funcciona á Avenida Franklin, 5055, Normandie. E, com isso, pretende elle fazer a America... Já se vê, portanto, que esta é uma praga que não é só aqui que infesta o ambiente...

"Madame Satan", da M. G. M., dirigido por De Mille tambem terá Martha Sleeper no seu elenco.

Rupert Julian foi contractado pela Universal.

Labios sem Beijos!...

SCENAS DA PRIMEIRA DA PRODUCÇÃO CINÉDIA.

LELITA ROSA E PAULO MORANO

AO ALTO, LELITA ROSA E AUGUSTA GUIMARÃES

HUMBERTO MAURO E' O DIRECTOR.

ELLA — (Rio) Hula, meu bem, Ha quanto tempo! Seu vôvôzinho já estava com saudade de "ocê"... A noticia que me dá, entristece-me, creia. Mas sarou bem? Está bem bôazinha? E' isto que eu quero, ouviu? Não se entristeça. Ainda estarão outras couzinhas bonitas reservadas á você... Todos elles alegrarão voce, em breve. Ellas, **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Elle, aos cuidados desta redacção. Tenha paciencia, Hula... Ella virá, pode descançar. Sare logo e volte logo, ouviu?

JOAN CRAWFORD — (S. Paulo) — O Celso Montenegro foi-me apresentado pelo Octavio, sim. Mas elle a enganou quando disse aquillo... Como não? Aliás ainda terá, sobre isso, muita surpresa agradavel... Pode dizer... Você estará enganando os outros... Difficil? Qual! Elle me disse que era só você querer. Porque não me manda uma das suas photographias? Já me disseram que a Joan Crawford é "chuca-chuca" pertinho de você... Vamos, encoraje-se! Volte logo, Joan.

RUY RESTIER — (Porto Alegre) — Recebida e archivada. Isso não tem importancia, não. O essencial é adaptação ao papel. A unica grande difficuldade é a distancia. Papeis, sempre existem. Pequeninos, uns maiores, outros. Principaes, alguns. Mas é méra questão de paciencia!

DIDI — (Rio) — O film, agóra, chama-se **Parallelos da Vida**. Ella é Brasileira, sim. E' carioca. Chama-se Estella Moraes. Ali, ambas aliás a Margaret Edwards, ultimamente, com o nome de Gerta Walkyria, figurou em **Messalina**, film da **Cynchrocinex**. De facto, não têm sahido. Não sahiu nada de importante, não. Ella é allemã. Não sahiu. Está provisoriamente afastada. Ainda não vi. Mas ha de ser bonito, sim. Não fique tristinha, não! Não está contente? Muito obrigado pela propaganda, ouviu? E volte quando quizer, Didi...

RAMONA — (Rio) — Como vae, Ramona? Não ha de que. Gostei, sim. Ora, que endereços? Aliás virão ainda outras. Você verá... Já os transmitti e ella os agradece.Vel-a-á antes em **Labios sem Beijos**, ao lado da estrella, Lelita Rosa, de Paulo Morano, Julio Danilo e Gina Cavalliere. E, depois, como estrella de **O Preço de um Prazer**, ao lado de Tamar Moema, Decio Murillo e outros nomes conhecidos. Retribuo o abraço e o beijo... de gratidão!...

BENEDICTO HONORATO — (Pinheiro) — Então, meu amigo como vae? Ha quanto tempo! Comprehendo que anda cheio de afazeres , sim. A scena do garoto foi cortada. Mas nos pequenos Cinemas, foi incluida, de novo. O pessoal que diz ter conhecido, lá, todo elle lembra-se de si, sim. Qual! Não se aborreça, não. Creia, sinceramente, que o seu aborrecimento e a sua tristeza não têm razão alguma de ser.Já está quazi prompto, sim. Até 30 de Junho já deverá estar concluido. Não tem importancia. Quando vier, sempre será tempo de ser apresentado e levado a ver tudo. E' pena que não esteja tudo a seu criterio. Porque se assim fosse, ahi mesmo, muito auxiliaria, não é? Não tem importancia. Aos tombos geralmente succedem-se as subidas! Animo e paciencia. O Gonzaga e o Humberto, agradecem. O pessoal de **Labios sem Beijos**, provavelmente, verá o publico Brasileiro, até principios de Julho... Que tal?

LON CHANEY — (Bello Horizonte) — Ha de comprehender que é impossivel o que sugere. Ha certas cousas que são segredos que só o consulente deve comprehender pela resposta. Não tem importancia ter que dar a mesma resposta. Por acaso não tem reparado que já se tem dado endereços dezenas de vezes e, no emtanto, vivem perguntando a mesma cousa? Mas é assim mesmo. E isto não me aborrece, absolutamente. Elles se lembram de si, sim. O Bruno Mauro, por signal, acha-se presentemente aqui, por alguns dias e já está estudando, mesmo, a possibilidade de se mudar de vez para cá. Aqui as suas respostas. 1° — De facto, é o cumulo. Não haverem ainda passado **Sangue Mineiro** em Bello Horizonte! Mas dirija a sua reclamação justa, aliás, ao Programma Urania, rua Senador Dantas. 2°. — Isto não sei. A distribuição foi pessoal. 3° — Voltará. Mas ainda se demora lá algum tempo. 4° — Por falta de distribuição, naturalmente. 5° — Isto não é exacto. E nem se sabe, ainda se ella virá, mesmo. O L. S. Marinho é exclusivo representante da revista lá sim e é sua unica funcção, é logico.

Virginia Valli

Lilian Tashman

Pergunte=me Outra...

GRETA GARBO — (Rio) Eu ainda vou fazer, um di' um concurso para apurar qual a Greta Garbo mais bonita que me escreve... Não tem importancia o seu esquecimento. Mas o endereço é aquelle, mesmo. Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California. Se não responderam, é, naturalmente, porque estão fallando demais e com pouco tempo para se lembrar dos fans... O outro, para Pathé Studios, Culver City, California. Não se aborreça e volte quando quizer.

WILLIE — (Belem-Pará) — Dizia-se "báu", mesmo. O Gonzaga disse-me que lá a chamam "bou". Eu, ao contrario, chamo-a Clara "Bowa"... Qual é que tem a razão?...

RAMON RODRIGUEZ — (Rio) **Perfeitamente. Falta apenas enviar-me uma photographia sua. Nem que seja pequenina, mesmo.** E, depois, é só aguardar a opportunidade. Isso de idade, não tem a menor importancia. Porque no cinema, tanto trabalha um Jackie Coogan, como um Alech B. Francis...

RANULIA NORTON SOROA — (São Salvador)-Bahia) — Gonzaga entregou-me uma sua carta. Menina, seu vôvô vae conversar um pouquinho com você... Pense bem. Não vê que é impossivel, presentemente, mover-se uma pessôa de tão longe, com as difficuldades que aponta, para **tentar** apenas uma **carreira**? O que me diz? Sem duvida, R a n u l i a, você é bonitinha. Poderia, mesmo, alcançar grande successo. Sabe, mesmo, quão exquisita é a fortuna. Mas deverá comprehender que está tão longe... Se estivesse aqui ou mais perto, um pouquinho, seria mais facil. Mas assim... Não teme soffrer? Não teme uma disillusão? O appello é para **pequenos artistas**. Isto é, Para **papeis pequenos**. Foi mais para rapazes e moças do Rio. Porque, Ranulia, aqui estão. Têm os seus. Suas occupações. E, em horas vagas, terão os seus instantes de Cinema. Isto por emquanto. Que está começando. Agora, para as que tão longe estão, como você ... E', sempre, bem mais difficil, Ranulia, sinceramente, eu queria que só fosse felicidade que alegrasse o seu sorriso. Mas temo que assim precipitada você tenha que soffrer . Pense bem. Não haverá mais tarde, alguma possibilidade de vir, com mais calma. Tudo arranjado. E, ahi tentar o successo? Pense bem e responda ao seu avôzinho que muito a quer. Vamos. Mas não desanime e nem fique triste. Faça como a Diana, do**Setimo Céo**, tenha sempre os olhos para as estrellas... Promette? **"Miss Saudade"**... Não tem medo que a saudade, mesmo, afogue, depois, seus sonhos de pranto?

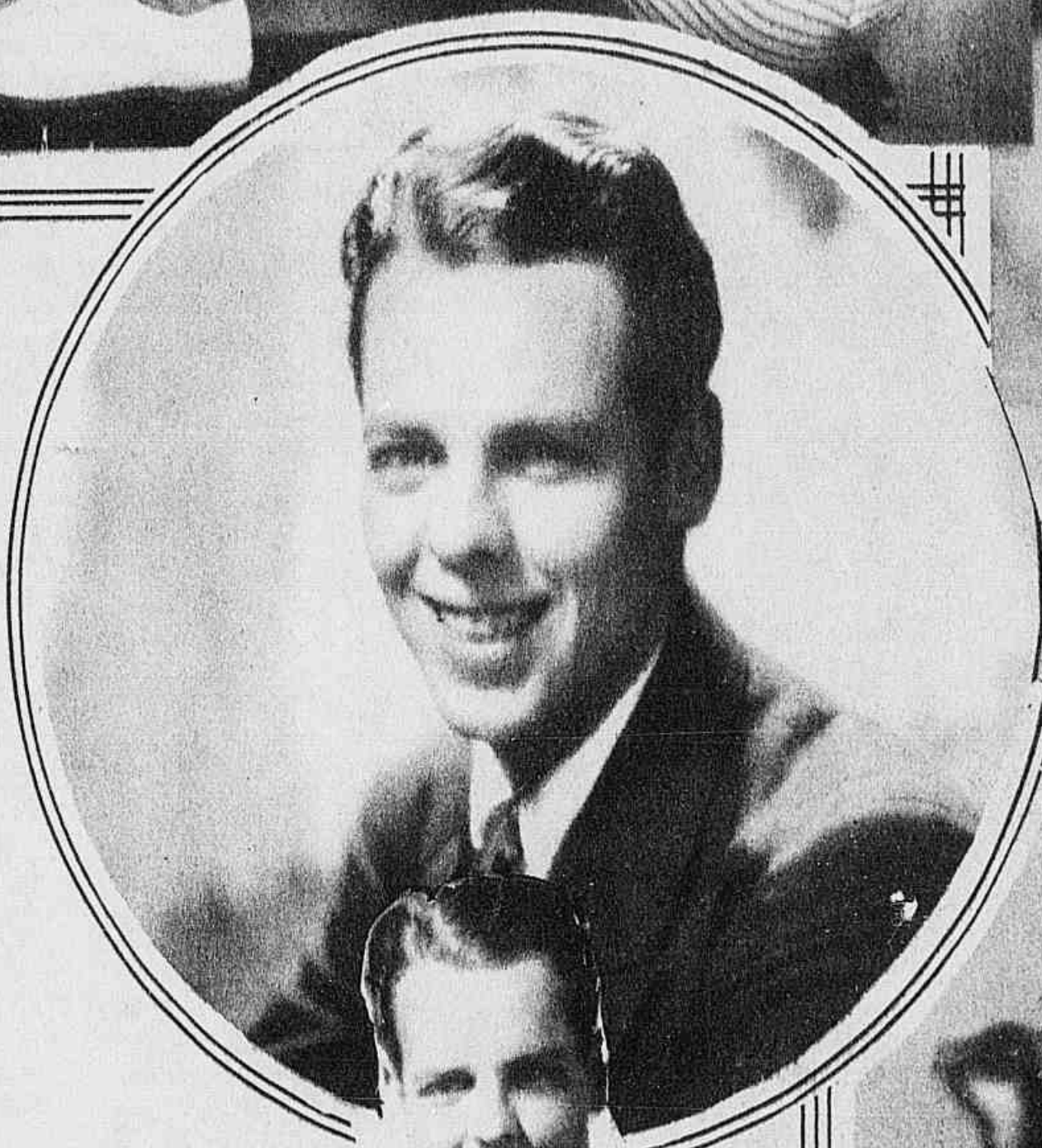
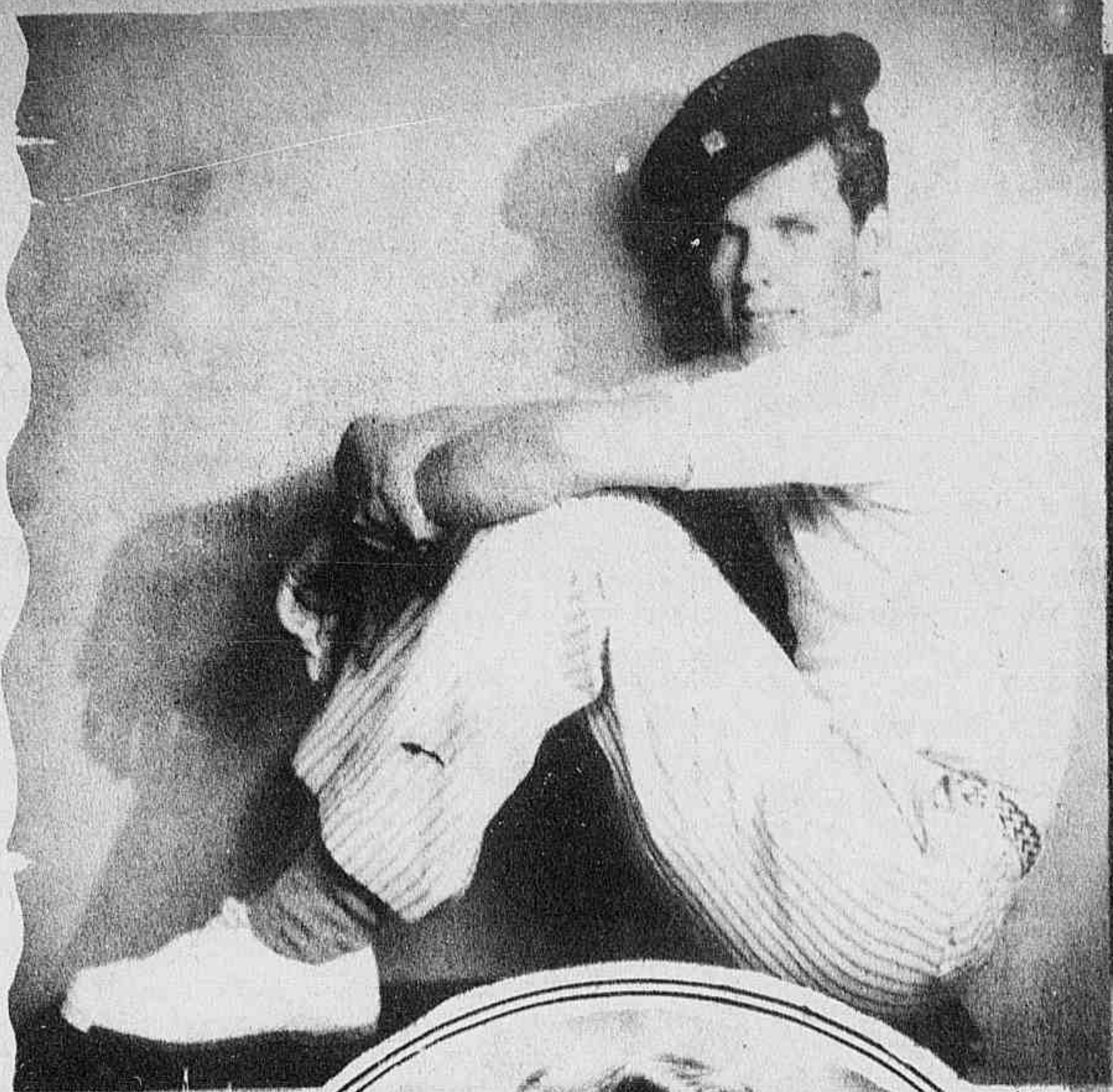
MARY NOVARRO — (Rio) 1° Helene Costello 2° Constance Bennett. 3° — Fay Wray. 4° — E' Nancy Carroll. Mas sabe os nòmes dos maridos e ignora as esposas? Curioso...

EDYARI — (São Gonçalo do Sapucahy) — 1° — Então achou o Nilo Fortes uma sympathia rara, hein? Pode escrever aos cuidados desta redacção. 2° — E' solteiro, sim. Mas... Bem, não quero ser indiscreto. Aqui ao meu lado está o Octavio Mendes, que o dirigiu em **A's Armas!** e me está dizendo que elle é capaz de tomar o trem e ir procurar você ahi em São Gonçalo do Sapucahy, mesmo .. Olhe lá! O nome delle é João Baptista Dellape. O appelido é Nilo. Fortes é o seu nome de Cinema.

FRANCISCO CORRÊA DA COSTA — (Corumbá— Matto-Grosso) — Mande uma sua photographia. E, depois, é aguardar opportunidade. No emtanto, sempre é bom que leia com attenção as respostas que á outros netinhos ou, nesta secção...

JOSE' HOEGEMANN — (Campo Grande)-D. F.) — Mande photographia e aguarde opportunidade.

TINOCO — (Rio) Confusão, "Peccados", Sete pontos. A outra não, era de A. R. e P. V. não está mais com **Cinearte**.

A. F. X. — (S. Paulo) — Você acha, então, que iriamos publicar um verdadeiro annuncio, como aquelle, sem motivo algum? Ha muito tempo, aliás, já existe este serviço aqui em **Cinearte**. Innumeros dos artistas secundarios dos films do Rio, pelo menos, naturalmente mais em contacto com a nossa revista foram escolhidos pelo nosso archivo. Indirectamente, Nita Ney entrou para o Cinema por intermedio do nosso archivo. E o que interessa, antes de tudo, é o typo. Se agrada ao productor elle vae vel-o pessoalmente e examinar as outras qualidades, se bem que, muitas vezes, por uma simples carta como a sua, gente observe muita cousa... Gracia Morena foi escolhida por uma photographia. Didi Viana, tambem. Os requesitos para o Cinema Brasileiro são innumeros. Não é apenas photogenia. Forçosamente o director precisa estudar bem um candidato para fazer a sua escolha para um principal papel. Nós, aliás, muitas e muitas vezes enviamos, á Phebo, em Cataguazes, as photos dos candidatos que nos escreviam daquella zona mineira.Estamos cogitando agóra, por exemplo, de mandar aos productores de São Paulo, de todas as photos que dahi nos venham. Agora, aqui, o caso é outro. Porque a **Cinédia** e outras fabricas, podem escolher no proprio a r c h i v o. E, para isso, não é preciso a tal sugestão sua de publicar inutilmente as photos todas com as residencias e dados... **Yolanda Bernardi**, ha dias, foi escolhida **por Mario Peixoto**, productor do film **Limite, de uma de suas photographias existentes em nosso livro de elencos.** Assim, vê, são innumeros exemplos, ociosos de se numerarem, todos.

Arthur Lake...

Ramon Novarro quer casar!!!

Elle achapossivel a idéa. Embora ninguem ache possivel que isso se dê. Depois de tantos annos de uma solteirice pacata. Elle sempre pareceu tão espiritual. Tão alheio ao mundo. Ha mesmo, em certas occasiões. Nos seus grandes e negros olhos. Lances e brilhos que não são deste mundo... Parece, mesmo, que elle caminha, pelo mundo, como um sonhador inveterado. E que, nesse sonho eterno, morrerá...

A sua carreira é a unica cousa que lhe tem merecido paixão. Sua musica. Sua religião. A sua *philosophia*, como elle chama certas de suas attitudes. E a protecção amorosa e meiga que elle deita a sua mãe e á seus numerosos irmãos e irmãs. Fazem com que elle se pareça mais com um joven monje. Inspirado e santo. Do que com um artista de films. E', mesmo, apesar tudo, difficilimo pensar-se nelle, amarrado aos laços do matrimonio. E, consequentemento, aos laços da domesticidade...

Em Hollywood, ha tempos murmurou-se, mesmo, que elle resolvera entrar para um convento ou para um mosteiro. E houve, mesmo, verdade nisso. Porque, elle chegou a fazer tal promessa, se seu irmão. Que se achava profundamente sarasse. Mas seu irmão faleceu, tragicamente, aliás e, assim, Ramon se viu livre desse voto que o fecharia para sempre em um claustro. Mas, depois dessa morte, mais solitario e mais exquisito elle se tornou.

Agora, Ramon Novarro quer casar...

Mas quer casar para sempre. De uma vez e para sempre. E avisa, agora, qual a especie de mulher que lhe serve para esposa... Estará, no caso, alguma das leitoras?...

— Quero uma mulher.

Diz elle.

— Que tenha talento feminino. Isto é. Uma mulher que se contente em ser esposa e nada mais. Que não se importe em submergir a sua personalidade. Que não se importe com nenhum interesse externo. Do mundo. E que devote, todas as suas energias, seu tempo e seus pensamentos, ao officio de ser esposa. *Minha* esposa.

— E' provavel, mesmo que esteja pedindo demasiado. Mas não acho que o seja. Maridos e mulheres, nascem. Não se fazem! E' tão particular ser um bom esposo. Uma bôa esposa. Quanto o é ser um bom artista. Ou um bom carpinteiro. Os unicos que devem tentar o casamento, são aquelles que têm real talento para o fazer. Os demais, deviam evital-o, por causa dos soffrimentos que depois advirão.

— Se uma mulher fôr naturalmente domestica. Se nasceu para mãe e para esposa. Poderá, se o quizer, fazer uma carreira dessa sua especialidade. Mas se não se quizer entregar, de coração e alma, ao nobre officio que deve abraçar com fé e coragem. Que não o faça. Porque será falto todo o acto que commetter, dentro dos limites sagrados do casamento.

— Eu admitto que me case. Mas é necessario, para tanto, que minha esposa me ame, doidamente. Cégamente. Que não deixe um só segundo de me querer profundamente bem. Porque eu sou differente, neste particular.

— O publico phantasia que eu seja gentil, delicado e facil ás influencias. Mas não é verdade. Ao contrario! Eu sou ciumento e extremamente apaixonado pelo que me pertence. Tenho uma grande força de vontade e não quero que ninguem a quebre. Muito menos uma mulher!

— Antes de mais nada, exigirei que ella tenha absoluta confiança em mim. A sua fé, em mim, deve ser tão absoluta que, se lhe contar alguma cousa, ainda que seus olhos tenham visto outra, ainda assim creia em mim e confie na minha absoluta fidelidade.

— Acho, para mim, que é necessaria a completa, céga e perfeita confiança. E' o essencial!

— Antes de mais nada, tambem, deve ella abandonar a sua propria individualidade. E não permittiria, em absoluto, que seguisse qualquer carreira que fosse. Porque só a queria, seguindo a brilhante carreira do lar.

— Se tiver fortuna, deve doal-a, antes de se casar commigo. Deve ficar absolutamente pobre. Não permittiria, jamais, que outro interesse, que não o nosso amor, simplesmente, interferisse. O *teu* e o *meu*, é cousa que atrasa muito... Tudo deve ser *nosso* e nada de individualismos.

— A familia deve ter apenas um chefe. Uma cabeça. Que providencie tudo. Que por tudo olhe e zele. Eu quero ser essa cabeça, esse chefe!

— Devo decidir sobre tudo. Todavia, consentiria que um alvitre acceitavel fosse dado por ella. Naturalmente, sempre a consultarei sobre tudo quanto fizer, antes de fazel-o. Sempre perguntarei quaes as suas opiniões, sobre

estes ou aquelle
pecialmente sob
se refiram a as
nosso mutuo in
decisão final, o
são, deve caber-
— Eu não
origem do berç
educação do be
por melhor que
ção, sempre um
tornar different
so, ella se deve
tantos filhos qu
queira dar.
— Não exij
uma belleza rar
no emt ant o, es
verdade, ella fo
mo. No emta

s objectivos. Es-
re aquelles que
sumptos de
teresse. Mas a
u seja, a deci-
me.
creio na bôa
o. Isto é. Na
rço. Porque,
seja a educa-
desvio a poderá
e. E, além dis-
sujeitar a ter
antos Deus os

o que ella seja
a. Posto que,
perasse que, na
sse linda, mes-
nto, se eu a

amar, é logico que a acharei a mais linda, entre as lindas. Isto de belleza, no emtanto, é o caso de menor importancia.

— Eu a quero intelligente. Intelligente ao ponto de sustentar discussões sobre cousas que me interessem e que a interessem, tambem, logicamente. Isto, sem duvida, nos conduzirá á melhor das vidas.

— Eu a quero mais mulher do que moça. Jamais pensaria em me casar com uma mulher de menos de 30 annos. Não as posso tolerar. São sempre desinteressantes e pouquissimo sensatas. São frivolas e fracas de idéas. A experiencia é que faz amadurecer a mulher e, por acaso, não é madura que a fructa mais sabe?

— Ella se deve reservar e não contar com muita vida externa. Eu não gosto de sahir, geralmente e, assim, não supportarei a mulher que goste de muitos passeios e que ame a convicencia com as multidões. Ella deve ser tão minha amiga, tão amorosa, que supporte, perfeitamente, a minha companhia, apenas.

— Ella deve ser tolerante, intelligente e cordata.

— Eu lhe confiarei todas as minhas difficuldades e todos os meus aborrecimentos. Isto pode não agradal-a, sem duvida. Mas deve supportar, por amor á mim. Eu a quero, para me confortar e para me consolar. E não a quero fria e indifferente.

— E' grande parte da obrigação da mulher, auxiliar seu marido a ter fé em si proprio. Fazel-o ter amor ao seu proprio talento e fazer com que elle dê tudo do seu talento, pela sua arte. Ella o deve estudar e comprehender. Para, depois, o auxiliar em tudo.

— Quero-a consoladora e meiga. Uma pessoa cuja simples vista, lembre-me, sempre, conforto e carinhos. Amizade e amor. Eu a quero confortadora e vivificadora, para mim. Eu a quero, ainda, sempre sorridente e alegre. Eu quero ser 100% da sua vida!

— Não a quero tagarella. Frivola ou exaggerada. Eu a quero calma, doce e comportada. Quero-a digna e culta.

— Deve amar a musica. Mas amar, realmente, profundamente. Caso contrario, jamais me comprehenderá!

— Deve ser muito religiosa.

— Quero-a bôa dona de casa. Não que espere que ella faça serviços domesticos com suas proprias mãos. Mas deve saber como manejar um lar. Elegante e efficientemente. Deve ter aquelle senso raro de crear atmosphera, num lar... Deve ser uma artista do lar!

— Eu a quero com profundo e exquisito gosto por modas. E que sempre se vista com gosto e arte.

—Quero-a com um gosto educado, para tudo que de attrahente possa ter um lar.

— Admitto, sem duvida, que a mulher que eu tome por esposa, seja excepcional. Não que seja demasiado isso que espero. Mas o que não creio é que possa encontrar uma creatura assim.

— Os casamentos, em Hollywood, entre os de Cinema, são as cousas mais arriscadas que já tenho visto. O trabalho nos empolga, geralmente, ao ponto de não podermos pensar num lar.

— Não é sufficiente trabalharmos o dia todo, no Studio. Devemos pensar no nossos trabalho. Principalmente em casa. Devemos tomar particulares cuidados physicos. Devemos fazer exercicio. Dietas. E, além disso, cuidar seriamente da saude. Devemos estudar. Pensar e reflectir. Sobre o que fazemos e sobre o que faremos. Devemos estar constantemente em training mental e physico.

— Pois — é triste, mas é real — o talento é bem pouco, ainda, nesta profissão. A arte, quasi nada significa. O que temos, em compensação, é personalidade e mocidade eternas, quasi. Isto, no emtanto, quando tivermos que

(Termina no fim do numero)

ALICE JOYCE. Veterana. Estrella dos velhos tempos da Vitagraph. Mas sempre moça. Moderna. Interessante. "Sophisticated".

O Grande Gabbo

(The Great Gabbo)

Gabbo viu a sua Mary querida...

— FILM DA SONO ART —

ERICH VON STROHEIM . Gabbo
Betty Compson . . . . Mary
Donald Douglas . . . . Frank
Babe Kane . . . . Margie
Director: — JAMES CRUZE

— Mas elle está fumando!

— E comendo!

Eram as exclamações que se ouviam.

— Que prodigio!... Todos exclamavam. Era o Grande Gabbo. O homem que falava. Pelo Otto Seu boneco. Por outros bonecos, tambem.

Ainda que fumasse. Ainda que comesse. Elle fa-
lava pelos seus bonecos. Prodigio
assim, raramen te se via!
E, bem por isso, galgava elle as esca-
das do success o, rapidamente. Melho-
rando de theat ro para theatro. De con-
tracto para co ntracto.

O Grande Gabbo!!!

Atraz daquelle nome. Daquella personalidade. Havia qualquer cousa mysteriosa e indecifravel. Que ainda mais o tornava attrahente.

— Gabbo!

— Que me queres?

— Se amas Mary, confessa!

— Deixa-te disso! Eu?... Vivo para minha arte...

— Qual! Não me mintas. Eu te conheço, meu velho Gabbo...

Era um dialogo. Entre Gabbo e o seu boneco, Otto. Mary, da qual falavam, era a pequena. Paciente. Linda. Meiga. Que supportava o genio daquelle genio... Sómente porque além de muito o querer. Muita pena tinha daquella sua personalidade que o tornava tão doente...

E era Otto o confidente de Gabbo. Obrigado, pelos contractos. A se apresentar em todos os logares, com Otto, Gabbo acostumara-se, assim, insensivelmente, á constante companhia do boneco. A mania de falar por elle. Transformara-se em obsecação.

— Vamos, homem, fala!

Não era raro ouvir-se isso. Era Gabbo que provocava Otto. E Otto falava. Era a sua consciencia que falava. Por isso, Otto era bom. Era meigo. Era carinhoso. E elle, quando falava, era irrascivel. Genioso. Cheio de impetos e de exquisitices que torturavam a paciencia de todos e da propria Mary.

—oOo—

Um dia, deu-se o que se ha tanto se armava.

— Gabbo. Deixo tua companhia!

Elle nem a olhou.

— Deixo-te, porque, ultimamente, andas extremamente bruto! Já não tenho mais forças para supportar os teus caprichos e...

Elle passou por ella, assobiando, como se nada houvesse. Foi á sua carteira. Accertou os dias que lhe devia.

— Nem adeus me dizes?

Elle sorriu. Atirou-lhe um olhar de desprezo. Depois jogou-se á poltrona. Poz-se a ler.

O grande Gabbo e o seu boneco Otto.

Mary foi sahindo. Lentamente. Esperando a phrase. Uma que fosse. A unica, mesmo, que de carinho elle lhe houvesse dito...

Passou por Otto. Olhou-o. Ella propria já queria bem aquelle boneco... Porque, delle, só ouvira gentilezas. Só ouvira palavras doces e carinhosas...

— Otto...

Elle estava impassivel.

— Sabes que te deixo? Que terás outra que trocára tuas roupas? Outras que lustrará os teus sapatos?

Elle sempre impassivel.

Mary ergueu-se. Quando sahia, Otto falou.

— Mary...

Ella se voltou.

— Vaes, mesmo?

— Sim... Queres que fique?

— Eu... Sabes, Mary, eu te quero muito! Talvez mesmo... Mas que queres? Aquelle casmurro...

(Termina no fim do numero).

SE EU TIVESSE UM FILM FALADO DE VOCÊ... JA' ESTAVA QUEIMADO!...

Barbara Kent

O que eu sou

— Sinto que sou uma re-encarnada.

— Nunca fui eu mesmo! Nunca, em minha vida toda!

— Nunca fui livre.

— Nunca fui feliz.

— Sempre me curvei ás condicções, circumstancias e acontecimentos dictados por outros. Sempre assim!

— Sempre fui arrancada e suprimida de tudo que de bom tive, na vida. Arrancada do que eu poderia fazer, no meu trabalho. Suprimida, em todos os ideaes da minha vida intima.

— Por natureza, não sou melancholica, chorosa, triste, languida e suave. Não sou paciente. Não sou convencional. Não sou nem *Ramona*, nem *Evangeline*. Sou mais a *Charmaine*, de *Sangue por Gloria* Sómente ali, afinal, consegui mostrar um pouco de mim propria.

— Por natureza, sou tempestuosa, ardente, violenta e cheia de ancia de vida e acção.

— Nunca, mas nunca, tive a opportunidade de mostrar todo o ardor do meu ser. Toda a volupia da minha alma. Toda a seducção do meu sangue que escalda! Tenho a certeza de que ainda irei ter occasião de tudo isso mostrar.

— Eu descerei para a vida.

— Vou fazer aquillo que me agradar. Quando e da maneira que quizer. Não seguirei mais conselhos. De quem quer que seja. Nem siquer uma sugestão.

— Irei viajar, com amigos. Como uma pequena que se diverte e não como uma artista de Cinema que procura se exhibir.

— Eu divertirei. Vou me vestir como quizer. Representar como quizer. Se errar... Que mal haverá nisso? Não serão os meus erros, por acaso?

— Aprendi. Fiz descobertas por minha conta. A maior dellas, é que já deixei de ser criança. Sou mulher! Terei, pois, os previlegios de uma mulher.

— As tradicções de familia, quando era criança, impediram-me de fazer o que queria. Porque o meu povo era conservador e antiquado. Não podia dizer isso. Ir lá ou pensar aquillo. Tudo isto afinal, acabou!

— No convento, quando lá estive, sempre me obrigaram a ser outra. Para estar dentro dos rituaes do convento...

— Quando queria pular, pelo sol, o sol, que tanto amo, precisava ficar sentada. Quiéta. Cozendo ou bordando...

— Eu queria erguer as mãos para o céc e bradar. Gritar qualquer cousa! Mas devia mantel-as baixas e pensar nas *conveniencias*...

— Eu sempre fui ardente e impetuosa e sempre apparentei ser bôazinha e afavel... Tinha que affectar paciencia, quando, sempre, no coração só tive impaciencias...

— Queria dansar. E precisava ficar de joelhos, durante horas, orando.

— Queria representar. Sempre tive amor á representação. Mas era um sonho que já parecia chimera. Depois, representei. Mas o papel que me entregaram. E, nunca, aquelle que eu quiz. Mas, afinal, nunca era eu mesma, representando... Nunca eu mesma que me exprimia. Era, apenas, aquillo que outros queriam que eu fosse... Jamais pude exprimir justamente aquillo que sentia...

— Logo que deixei o convento, fiz-me esposa.

— Não sabia o que era o amor. Não sabia o que fosse o casamento. Meu marido, no emtanto, era um bom amigo que sempre me contou aquillo que eu devia fazer e como o devia fazer.

— Sempre o amei, como a criança ama o mais velho que a proteje e que é bom, para ella. Que lhe dá presentes. E lhe dá conselhos... Nada mais sabia do que isso.

— Meu marido, por sua vez, amava-me como um homem ama uma criança. Nunca me amou como um homem ama uma mulher.

— Depois de casada, experimentei a sociedade. A principio, achei graça, naquillo. Comparada com a vida do convento, era engraçada, sem duvida. Foi, entrando para ella, que usei os meus primeiros sapatos de saltos altos. Puchei, tambem, pela primeira vez os meus cabellos para traz... Usava joias de muito valor. Tinha apenas 16 annos...

— Ia aos chás. Jogava um pouco de bridge. Jantava e dava recepções. Sempre era tida como Mrs. Jaime Del Rio. E nunca era eu mesma...

— A principio, pensei que aquillo fosse a suprema felicidade. Isto, naturalmente, porque eu nunca conhecera a felicidade...

— Depois, começei a achar que não estava satisfeita e que me sentia cançada, daquella vida.

— Fomos viajar para a Europa. Residimos tempos em Paris. Outros em Biarritz. Por todo Continente andamos passeiando. Aprendi dansa em França e em Hespanha. Aprendi a historia das artes.

— Frequentei festas. Festas e mais festas... Mais festas, ainda...

— Tantas, que, hoje, aos 25 annos, apenas, já me sinto cançada de tantas e tantas festas...

— Fiz tudo que podia uma mulher fazer, na sociedade. Mas sentia que não era tudo.

— Depois da sociedade, passei para a solidão. Vivemos quasi que um anno entre indios. No meio delles. Sem ver uma cara de branco, que fosse...

— Aprendi os costumes dos indios. Aprendi a alegria de ser caridosa. Gente mais pobre e mais infeliz do que eu que precisava de mim...

— Mas ainda me sentia insatisfeita. Ainda não era eu. As licções de paciencia, que tivera, já se faziam corôa de espinhos, para mim... Eu ainda não me achára. Assim, podia eu ser feliz com uma extranha?

— Foram muitas as cousas que me aconteceram, em um curtissimo espaço de tempo.

— Tenho apenas 25 annos. Já fui noiva. Esposa. Divorciada. Viuva. Artista...

— Ganhei fortunas. Conheci o successo Vivi sempre num sonho. E sempre trabalhei muito pela felicidade que nunca tive...

— Tive a maior de todas as dores de minha vida. A morte de Jaime. Jamais sentira a approximação da morte, de quem quer que fosse. Nunca a experimentára. A ferida que ella me deixou, pela primeira vez, foi profunda e nunca mais eu a poderei pensar... Mas foi essa mesma ferida que me fez mulher...

— Nada me falta conhecer. Nada. Meus fracassos. Meus successos. Meus erros e meus triumphos. São por demais familiares para mim. Existem, na vida, tres palavras que eu ainda não disse. E que talvez nunca diga, mesmo. *Eu tenho pena*... De nada eu tenho pena. Nem de mim propria...

DOLORES DEL RIO

— Não sou causticante. Isto me alegra. Ha tempos eu não sabia, ao certo, o que os annos que passassem fariam de mim. Agora eu sei. Sahi, da vida, feliz, tolerante, muito mais aborrecida com cousas alheias do que com as minhas, mesmo...

— Aprendi muitas cousas detestaveis do mundo.

— Não creio em ninguem.

— Não acho e nem achei, nunca, lealdade em qualquer homem ou mulher. São os mesmos. Nada ha que os differencie...

— A apreciação, é uma virtude que o coração humano desconhece, por completo. Quando faço bem aos outros, por exemplo. Faço-o porque me traz felicidade. Não espero gratidão ou agradecimento. Sei que são cousas que não existem...

— Tornei-me democratica. A America me ensinou democracia. Hollywood, ainda mais. Quando aqui cheguei, ainda acreditava na distincção de classes. Sabia que estes não podiam frequentar aquelles meios. E estes, não podiam frequentar aquelles. Agora, comprehendo melhor. Somos todos da mesma especie...

— Agora comprehendo melhor porque é que o povo faz o que faz. Não condemno mais ninguem e mais cousa alguma. Quando acontece alguma cousa grave, importante, eu penso, logo. *Houve alguma cousa, atraz disso, uma razão, em summa*... Pode ser que eu nada entenda disso. Mas pouco importa. E' o que eu sinto...

— Acho que algum dia ainda encontrarei romance, na vida. Amor, mesmo. Não agora. Tenho do amor o bastante e não espero ter mais, ainda...

— Sei que é futil e excusado fazer-se predicções sobre futuros e emoções. Sei que já as não supporto mais mas que amanhã, tambem, poderei mudar de idéa e voltar com tudo para traz...

— Mas acho que ainda poderei viver al-

(Termina no fim do numero)

Rosa dos Mares

(South Sea Rose)

FILM DA FOX

LENORS ULRIC . . . . *Rosalie*
Charles Bickford . . . . *Captain Briggs*
Kenneth Mac Kenna . . . . *Dr. Tom Winston*
. Farrell Mac Donald . . . . *Hackett*
Emil Chautard . . . . *O tio de Rosalie*
Director: — ALLAN DWAN

Os nativos a chamavam de *Rosa dos Ma-es do Sul*.

As freiras daquelle convento. Porém. hamam-na de maluquinha...

E, de facto, Rosalie era maluquinha. heia de impetos. Quasi selvagem. Profun-amente amorosa. Esplendidamente cheia quella attracção de franceza, misturada á dencia dquelle sol causticante...

O seu tio, em Bordeaux, é o unico que a oderia tirar dali. Fazel-a feliz. Mas elle não quer... Sabe que ella é demasiadamente ir-quieta. Demasiadamente doidivanas...

E é isso mesmo que elle conta ao Capitão riggs. Um marujo que fôra muito amigo do e della. Antes delle partir na sua escuna. ra os mares do sul.

— A fortuna, della, será toda do marido... com quem se casará ella?

Aquillo vinha zunindo aos ouvidos de riggs. Elle não era máo. Nem tinha máos stinctos. Apenas tinha uma divida de 5 mil dollares. Para com o seu primeiro piloto, Hackett. E precisava solvel-a.

Até que Briggs era bom. Aquillo é que o atormentava.

Meio caminho andado, Briggs já tinha seu plano feito.

Namoraria Rosalie.

Ella, selvagemzinha, naturalmente estaria maluca para deixar aquelle convento... E, assim, leval-a-ia para Massachussets. Depois, já casado com ella, embarcaria sozinho para Bordeaux e, de lá, traria a fortuna de Rosalie. Pagaria Hackett e...

Isso mesmo!

Se bem o pensou, melhor o fez.

— Rosalie... Queres fugir commigo? Levo-te para bem longe daqui... Queres?

Ella nem se surprehendeu com a proposta. Agarrou Briggs. Rapida. E ferrou-lhe um profundo beijo nos labios.

— Se quero, homem!!!

—oOo—

Na manhã seguinte, em pleno oceano, Hackett, na qualidade de immediato do Capitão, casava Briggs e Rosalie. E, assim, facilitava tudo quanto Briggs já tinha pensado, em seu cerebro...

Recolheram-se todos.

Sozinhos. Rosalie e Briggs não sabiam se beijavam. Se não. Mas, nella, falava aquelle impulso selvagem que não podia dominar.

Saltou para os braços de Briggs. E, mesmo antes delle falar qualquer cousa. Beijou-o com ardencia. Com fogo. Com alma. Briggs, já maluco, por ella, agarrou-a. Com sua mão bruta e grossa, de marujo experiente.

— Rosalie. Tu me amas?

— Meu Briggs! Não te importes com isso! Beija-me! E's meu esposo. Sou tua! De que nos importa o amor?

Hackett, no dia seguinte, quasi affirmava que não conseguira dormir, tal era o barulho dos beijos.

Na noite seguinte, um temporal tremendo os apanhou. Briggs, calmo, dirigia os trabalhos. Hackett, no seu posto, tudo observava. Rosalie, no seu camarote, sentia pavor.

Morrer... Assim moça! Cheia de enthusiasmo. De vida. De belleza. De ardencia? Não! Não era possivel.

E, fóra, a luta proseguia.

Hackett, em meio á luta, foi apanhado por um dos mastros que se partiu.

Na manhã seguinte. Quando a calma era absoluta. Rosalie cuidava. Ainda. Com carinho e paciencia. Das feridas daquelle pobre velho. Que soffria, pavorosamente.

Era preciso ancorar. Procurar soccorros. Podia ser no primeiro ancoradouro.

E assim o fazem.

O Dr. Winston, daquelle hospital Naval. Amputa o braço a Hackette. Era o unico remedio...

E, quando regressa. da operação. Deixando Briggs ao lado de Hackett. Encon-

tra-se com Rosalie. Nos seus olhos. Nos seus cabellos. Na sua bocca, sensual. Havia qualquer cousa que fascinava os homens. Winston parou.

— Como está o doente, doutor?

— Elle?... Ah!... Sim!!!

E não respondia. Não respondia, porque seus olhos estavam mergulhados nos della. E porque, além disso, os olhos della diziam que se haviam sympathisado com os delle....

—oOo—

Hackett precisava ficar ali. Briggs precisava partir.

— Rosalie. Queres ficar e fazer companhia a Hackett?

Ella gostou da idéa.

No dia seguinte, Briggs partia.

E no outro dia, Rosalie *adoecia* e man-

do Sul

ROSALIE E BRIGGS...

dava chamar o Dr. Winston á sua residencia...

—oOo—

Hackett melhorava. Winston, raramente apparecia pelo hospital. Rosalie, pouquissimas vezes ia visitar o doente.

E a paixão os devorava.

— Rosalie! Dize! Que devo fazer para que sejas minha! Para sempre!

Ella se ria. Percebia o ciume daquelle rapaz.

— Ora, Winston, beija-me! Quando te beijo, não sentes que te beijo com a alma?

Beijavam-se.

Winston apenas a via. Nada mais o preoccupava. Nada! Era Rosalie. Apenas Rosalie. A Rosa, dos Mares do Sul...

—oOo—

De Bordeaux, Briggs voltava. Mas trazia apenas desgraça. Porque o velho tio nada tinha e a fortuna de Rosalie fôra, toda ella, confiscada pelo governo...

Agora...

O que lhe restava?

Apenas o amor de sua Rosalie...

—oOo—

Assim que chegou, procurou Hackett.

— Meu amigo, o tio perdeu tudo o que tinha!

Hackett ergueu-se.

— Mentes!

Briggs apenas o olhou.

— O que queres é illudir a pobre da Rosalie! Ella tem soffrido tanto a tua ausencia. Que nem aqui apparece, só para não me ver e pensar em ti...

Briggs ergueu-se.

— Tu, Hackett, vaes acceitar-me como primeiro piloto. O barco é teu, agora!

— O que dizes?

Discutiram. Hackett não queria. Mas foi forçado a acceitar.

Briggs, lento, avisou-o que se preparasse, porque partiam, no dia seguinte. E, rapido, dirigiu-se para a casa aonde sabia Rosalie estar.

Anciava pelos seus carinhos tão meigos. Tão bons!

Procurou pela casa toda.

Quando passava pelo jardim. Num dos mais bonitos recantos, dando para o mar. Parou. Ouvira vozes.

— Rosalie!!! Amo-te!!!

Estacou. Pé ante pé, approximou-se.

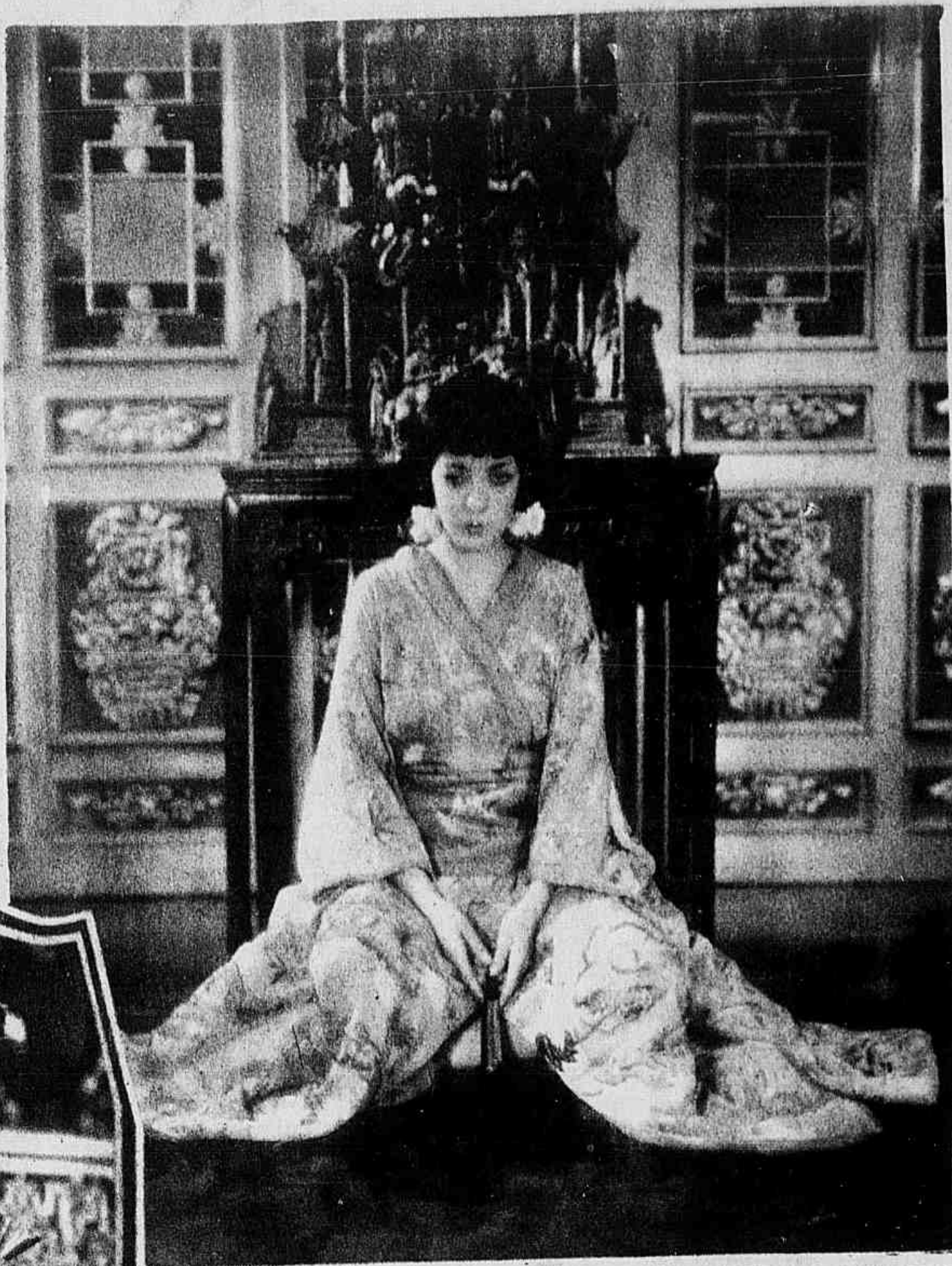
Viu.

Winston tinha Rosalie nos braços.

Depois, apertou-a, fortemente, ao encontro do seu peito e, num impeto, beijou-a. Longamente. Como se a quizesse matar, com aquelle beijo...

O que houve, foi rapido. Num instante o punho pesado de Briggs cahia sobre Winston e Rosalie, num grito, atirava-se sobre o rapaz, ao chão, e acariciava-o.

Briggs comprehendeu. Era demais, ali.

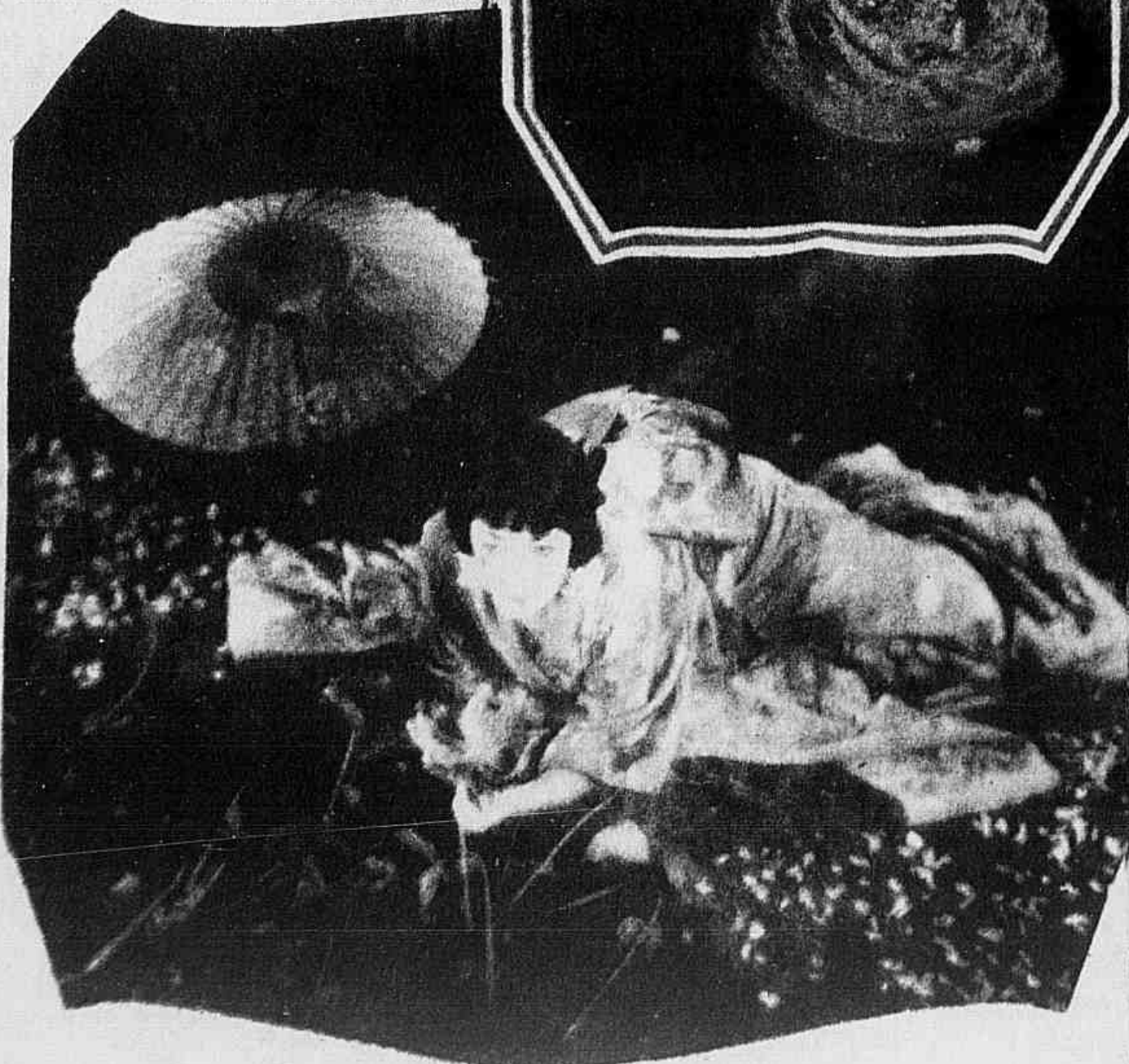
(Termina no fim do numero).

L I L A
L E E . . .

OUTRA

MING

TOY

DE

HOLLYWOOD...

Almas Gemeas

Uma comparação analytica, jamais seria mantida entre nomes como os de Lon Chaney e Greta Garbo. Não é exacto?

No emtanto. Embora lhes pareça estranho. São extraordinariamente parecidos. Dentro das suas duas personalidades enygmaticas e curiosas.

Para começar, é justo que se diga que ambos. Greta Garbo e Lon Chaney. Têm, no Cinema, nomes dos mais populares e prestigiados por um rol de films famosos e dignos, mesmo, de affirmações elogiosas.

Greta Garbo não responde cartas de *fan*. Tampouco lhes manda photographias.

Lon Chaney, nem lê as cartas que lhe escrevem...

Ambos têm, mesmo que não o queiram, um cunho de mysterio que mais fascinantes os tornam aos nossos olhos. Não frequentam reuniões. Tampouco divertem-se apparecendo ás *primeiras* dos grandes films. Ainda que sejam os seus proprios trabalhos.

Greta Garbo é ciumentissima da sua vida particular. Seus paes, eram um casal suéco. Obscuro e modesto. E', no emtanto, a unica coisa que delles se sabe. Os paes de Lon, eram surdos mudos. E, tambem, é a unica cousa que delles se sabe...

Quando Greta Garbo deixa o *set*, após o seu trabalho do dia. Ninguem mais sabe aonde a encontrar. Dez minutos. Ou dez horas depois...

Lon Chaney, desfaz sua maquillagem. Arruma em perfeita ordem o seu camarim. E, quando o procuram, ninguem mais o vê ou o viu...

São espiritos absolutamente diversos. Poderiam, se o quizessem, caminhar lado a lado, ruas abaixo, sem que alguem os reconhecesse. Tão simples andam. Tão sem pose. Tão communs são... Lon Chaney usa oculos. Roupas modestas. Greta Garbo, vestidos simples e despretenciosos.

Um, parece funccionario publico.

A outra, enfermeira ou costureirinha...

Vivem em casas alugadas, dous dos unicos, aliás.

São ambos economicos. Não se dão á luxos immensos e nem a gastos inuteis.

Aborrecem, ambos, a ostentação.

São francos, nas conversas e avaros, nas palavras.

Dizem *não*, com muito mais frequencia do que *sim*...

Interessam-se mais por seus trabalhos, mesmo, do que por outra cousa qualquer. São extremamente pontuaes nas suas chegadas e sahidas do Studio.

Procuram amisades, sim. Mas, invariavelmente fóra do pessoal de Cinema.

Amam o mar.

Estão sempre fóra dos *dis que diz que* de Hollywood...

Têm uma grande publicidade. De trabalho. E particular. Sem nunca terem pensado na possibilidade de terem secretarios...

Não gostam de comparecer ás conferencias que precedem a escolha dos seus argumentos.

Ambos amam musicas de jazz. E jornaes de novidades mundiaes.

Guiam a mesma marca de automovel... Ford.

São photographos amadores, ambos.

Gostam de anchovas e salada de espinafre.

Amam os cães.

Lêm muito. A leitura é o passa-tempo predilecto de ambos. Mas bons livros, apenas.

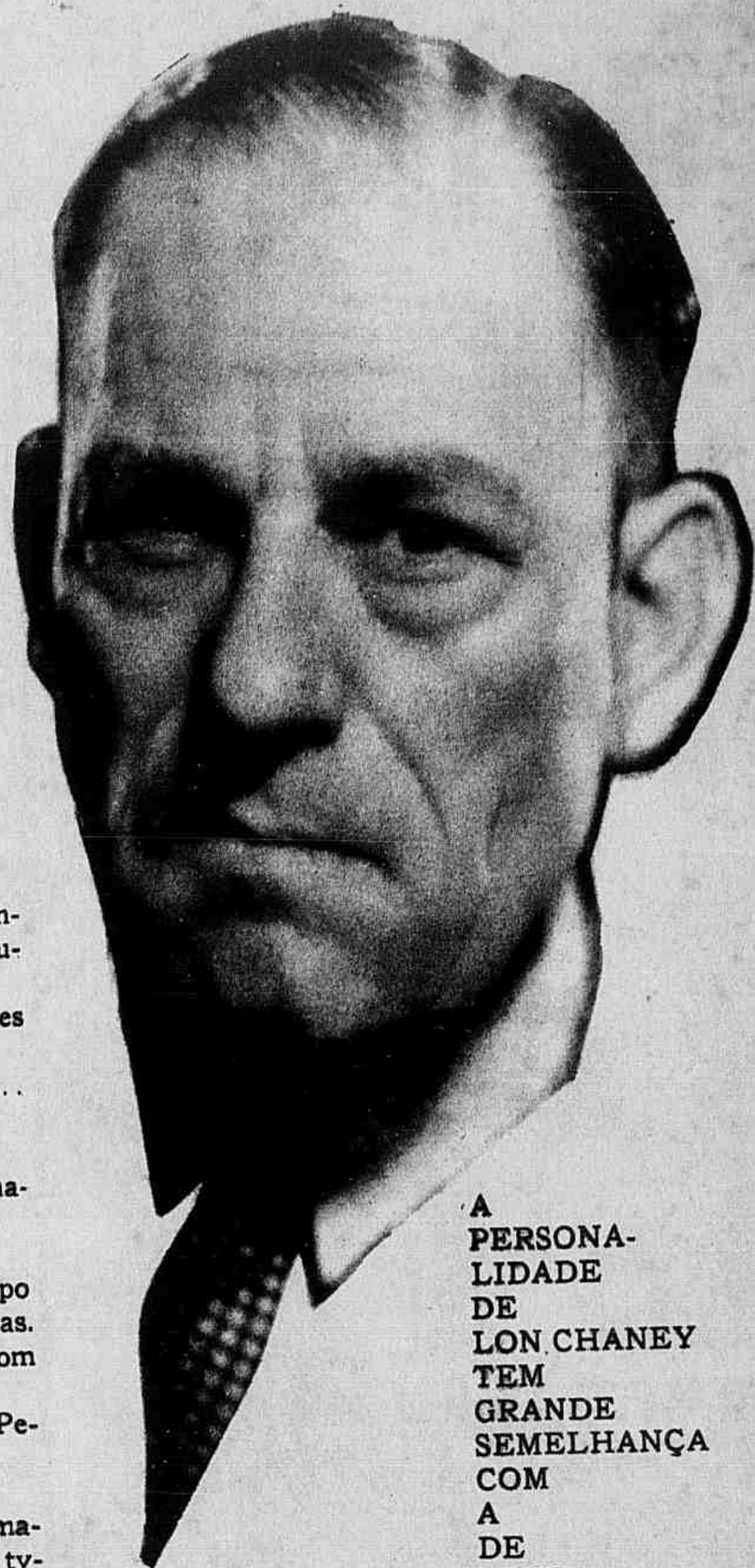
Estudam linguas. Com carinho e com paixão.

Têm telephones de numero secreto. Pelos quaes pagam muito mais.

Detestam joias. Ambos.

Lon Chaney, afinal, não pode ser chamado de bonito. E Greta Garbo, segundo os typos *standard* de belleza. E' feia, mesmo. No emtanto, possuem, ambos, em grão enorme, personalidades magneticas e poderosas. Que derrotam mesmo, as suas defficiencias physicas.

São ambos tidos, no mundo do Cinema, como os dois unicos artistas de grande nome. Que, nos seus films, são, de facto, as magnas figuras. Não ha *extra* ou outro artista, mesmo, que lhes roube os films.

Sempre, quando apparece um dos films em que tomam parte. As criticas dizem. Immediatamente.

A PERSONALIDADE DE LON CHANEY TEM GRANDE SEMELHANÇA COM A DE GRETA GARBO...

— O film é todo de Greta Garbo!

Ou, se fôr Lon Chaney.

— O film, todo, pertence-lhe!

Embora trabalhem, juntos, no *lot* da M. G. M., creiam, são quasi que estranhos. Têm-se encontrado algumas vezes. Em *primeiras*, mesmo, têm-se até apertado as mãos.

No emtanto, cousa interessante. Jamais trocaram mais do que duas palavras... Ou mais do que duas idéas...

Certa vez, perguntaram a Lon Chaney qual era, para elle, a maior figura do Cinema.

— Greta Garbo! E' o vulto maior que o Cinema já teve e terá, creia!

E, continuando.

— E' a personalidade feminina mais importante do mundo!

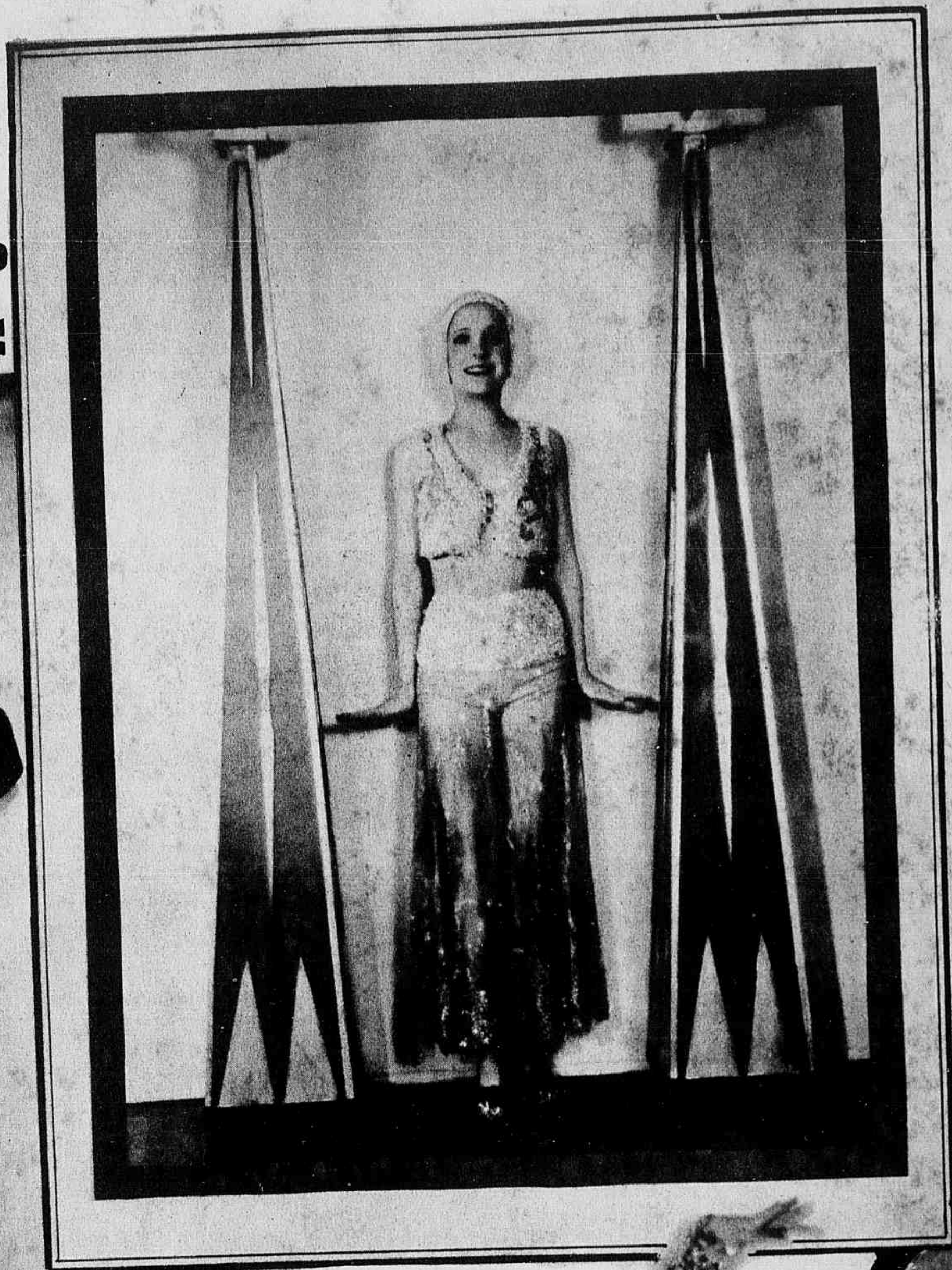
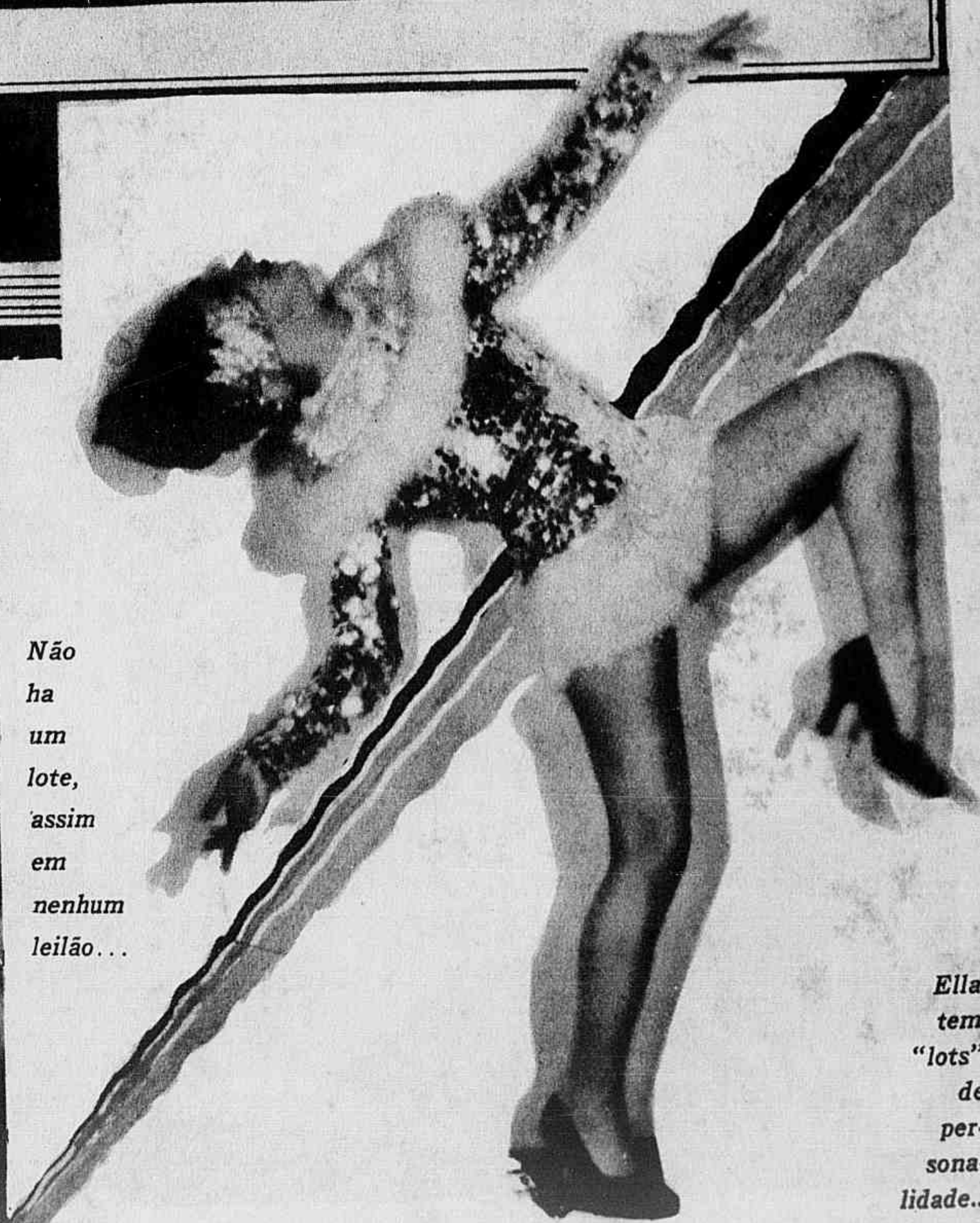
A maior, repito, quer do Cinema, quer do theatro ou de qualquer outro ramo que escolham.

E, á ella, quando lhe perguntaram, disse ella, promptamente, tambem.

— Lon Chaney é estupendo. O seu trabalho deixa-me intrigada, confesso. E' um grande artista. Cria uma illusão que estimula poderosamente a imaginação. Acho-o um dos maiores vultos artisticos do mundo!

Houve, mesmo, um productor de films que, ha tempos, comparou-os.

— São extremamente parecidos. São correctos. Distinctos e dignos em todas as suas acções. Sabem o que querem. E, principalmente, sabem o que fazem.

Aqui estão, rapidamente, marcados os principaes caracteristicos da afinidade que liga Lon Chaney á Greta Garbo. O que pensará o publico disto?

Não ha um lote, assim em nenhum leilão...

Ella tem "lots" de personalidade...

JACKIE COOGAN
Cinearte

ROSITA MORENO
cinearte

ANITA PAGE
M.G.M.
cinearte

NORMA E WILLIAM FARNUM...

Cinearte

Sabendo-se que varias responsabilidades recáem sobre o director de um "unit" de amadores, tornar-se-ia difficil apontar uma funcção que, durante a producção do film de amadores, pudesse ser chamada exclusiva e unica do director. Sinão, vejamos como em todas ellas sempre se intromette alguem mais, além do director.

O scenario foi preparado, em todos os seus detalhes, por algum amador com tendencias ao scenarismo. Quando o film sáe "um colosso" é porque o scenario tambem era "um colosso". Mas quando o film sáe "uma pinoia", a culpa é do director, e não do scenarista.

A distribuição só é feita depois de uma infinidade de "tests". Como esses "tests" são projectados e apreciados por todo o "unit", é inutil discutir mais este ponto.

Os "props" são sempre escolhidos por algum membro da familia com tendencias para o bom-gosto, porque sem bom gosto o film acaba apresentando moveis do principio deste seculo, ao lado de cortinas de cretone.

A escolha dos "sets" e das locações é feita em conferencias, nas quaes tomam parte principalmente o director e o "cameraman".

Por ultimo, o trabalho de camara vae para as mãos de um photographo-amador, ao passo que a filmagem das sequencias, em resumo, só é executada depois de varias conferencias. De tudo isto, o que resta?

O cuidado com as entradas e sabidas, a responsabilidade do tempo exacto que cada scena deve durar, afim de que não seja comprida ou curta demais para o effeito desejado. Em uma palavra, é aquillo que o Cinema profissional americano chama de "footage", e que nós poderiamos denominar de "metragem".

— "Tableaux"! — meu bem. *Elles estão filmando com Kodacolor!*

Cinema DE AMADORES

(*De SERGIO BARRETTO FILHO*)

DIRECÇÃO SIMPLIFICADA

Nenhuma continuidade, tal como são escriptas commumente, especifica o numero de pés ou de metros que cada scena deve levar, ou melhor, nenhum scenario determina o "footage" ou a "metragem" de cada scena. O autor do scenario possúe, é logico, um cerebro que imagina a scena em si, tal como elle a descreve no papel, e d'ahi seria facil especificar nesse papel o tempo que essa scena poderia durar, mostrando assim "quando" a scena seguinte poderia ter inicio. Um exemplo: ao envez de escrever "Scena tantos — primeiro plano — Fulano faz isso desse modo — córta", o scenarista escreveria: "Scena tantos — primeiro plano — Fulano faz isso desse modo, *ficando parado durante tantos segundos*". E' usual numa conferencia em que se discute o scenario, exemplificar-se, ao vivo, uma ou varias scenas, mais para demonstrar a necessidade das "pausas" na acção, do que propriamente para demonstrar essa acção. Essas "pausas" precisam ser explicadas ao leitor destas linhas. Representam o tempo, durante o qual a acção da scena parece ficar suspensa, o artista parece ficar parado, como que "pensando na vida". Por uma estranha ironia, essas pausas que controlam o tempo da scena, e consequentemente a sua metragem, raramente são apontadas no "script", isto é, no scenario.

Referindo-se ao Cinema Falado, um grande director profissional fez notar: "até que afinal o *Silencio* na téla é realmente significativo".

No film silencioso, que é a arte do movimento, a immobilidade absoluta é o mais significativo dos meios expressivos do Silencio, especialmente si essa immobilidade é seguida de um movimento subito e rapido.

Si todas as pausas com as subsequentes durações pudessem ser escriptas no scenario, o director teria o seu trabalho appreciavelmente simplificado... e por conseguinte os seus creditos appreciavelmente diminuidos. E tudo isto porque é das pausas e do tempo que a "metragem" ou por outra, esse "footage" apontado acima, depende.

Vamos tomar uns exemplos daquelle film da Paramount "O Lobo da Bolsa", com George Bancroft e Olga Backlonova. O marido entra na sala, justamente quando a esposa anda interessada com o "outro". Sem a pausa, a acção seria demasiado apressada. A solução do problema, dada pelas pausas, vae ser explicada pelas regras que se seguem.

Regra 1. — *O "suspense" nunca poderá ser demasiado, desde que esse "suspense" seja logico.*

Imagine-se o "outro" e a esposa juntos ao monumental fogão. Como sempre, mesmo nas bôas photographias de "till", quando ha duas pessoas apenas em scena, uma está olhando para a outra, e esta outra está olhando para qualquer coisa numa certa direcção. Supponhamos que a dama está olhando para o fogão, emquanto o homem, de frente para nós, olha para a dama. O scenarista construirá a scena com uma unica pausa, exactamente quando o marido entra na sala e surprehende o par. O director, porém, saberá que, já que tratamos com tres pessoas, serão logicamente necessarias tres pausas, e provavelmente seis.

Primeiro, o rival, de frente para nós, ouve um rumor na porta e pára, justamente alarmado (pausa 1). A dama, que nada ouviu, continúa a falar e a fazer o que ella estava fazendo. Então o marido, do lado de fóra, em um "shot" separado, ouve a voz da esposa e procura comprehender a razão da conversa (pausa 2). O marido gira a maçaneta da porta; á esposa ouve o ruido, volta-se, a face gelida de espanto e de horror (pausa 3). O par, agitado, murmura palavras de desespero, um parado em frente ao outro (pausa 4). A porta abre-se de subito e o marido apparece no portal, de pé, olhando para ambos (pausa 5). O par faz um movimento incerto na direcção do marido ou em outra qualquer direcção, e por fim pára. ainda mais incerto (pausa 6).

Mesmo isso, não termina porém, a serie, tal como se daria, si o scenario fosse de amadores. No Cinema de Amadores a sexta pausa seria a ultima. No profissional, nem mesmo assim. O actor experimentado raramente faz a sua entrada, mesmo depois de uma pausa, em tres ou mais passada continuas, atravez do "set". Por motivos exigidos pelo Rythmo, cuja significação não podemos explicar agora, essas entradas são feitas aos poucos. Assim, o marido avança tres passos, e pára de novo (pausa 7).

Sem ser preciso continuar indefinidamente os detalhes desta scena, notar-se-á que o "footage" ou metragem de uma scena dramatica é largamente composta de pausas. Qualquer pessôa capaz de imaginar cada um desses "bits" intelligentemente, poderá determinar o minimo de tempo para cada pausa, em dois segundos exactamente, ou no tempo necessario para se contar de 1 até 8. Só naquella entrada, usámos portanto 14 pés de film para as pausas, tomando-se em conta 2 pés para cada uma dellas, ou sejam 60 centimetros, os quaes duraram 2 segundos para serem expostos. Vejamos agora a regra a que essas considerações nos conduz.

Regra 2. — *Quando toda acção é significativa, uma scena parece mais importante ao publico quando é mais demorada.*

Aqui tambem não é preciso assignalar que a scena, para ser significativa, deve ser progressiva e "climatica", isto é, ter um desfecho emocionante. Si o assumpto é importante, quanto mais a scena demora, mais attenção elle recebe do espectador. Já que podemos definir a "acção" como "um numero de pausas alternadas com um numero de movimentações", é claro que chegamos á conclusão de que a scena mais dramatica é aquella que possue mais opportunidades de offerecer pausas seguidas de movimentações rapidas.

Essa importancia que a longa metragem nos demonstra na construcção do drama é evidenciada pelos titulos. Vinte annos atraz, os titulos compostos de duas unicas palavras, como "A Lucta", "No dia dia seguinte", ou "A Vingança", eram mais do que communs. Logo que os profissionaes comprehenderam que esses titulos vulgarissimos destruiam o tempo de "suspense", o expediente adoptado foi o de usar mais palavras para explicar a mesma coisa, quando o intervallo de tempo que vae ser coberto pela acção e bem demorado, devido justamente ao effeito das pausas. Hoje, o titulo não será mais um "Vinte annos depois", num "shot" rapido, seguido immediatamente pela acção. Hoje, apparecerá na téla primeiro um quadro ou uma decoração attrahente. Depois, em esclarecimento — escurecimento, surgirá e desapparecerá um longo titulo como este: "Assim haviam se conhecido num Eden de innocencia, crianças despreoccupadas no jardim da Eternidade. Mas veio o Tempo e começou a escrever na fronte de ambos a historia da Vida, das illusões dos seus dias..."

Analysando-se esse titulo acima, teremos duas coisas: a idéa da passagem dos annos suggerida *"no mesmo tom que o film"* e a demora do titulo augmentando a attenção do espectador.

Por outro lado, uma scena curta é necessaria para dar a idéa de pressa. Dahi o emprego tantas vezes, nas comedias da velocidade apressada, e o facto dos titulos comicos serem tão curtos.

Regra 3. — *O subito de uma acção é creado por uma pausa seguida de um movimento rapido.*

Exemplo: de vagar, aos poucos, a mão de um individuo approxima-se da garganta, pára, constituindo a pausa, depois affasta-se de repente, como que procurando afastar alguem. Um typo mal encarado, parado, lansa-se então sobre o individuo. A intensidade da acção é maior quando é precedida por pausas, assim como a rapidez parece maior quando é precedida pelo "suspense".

Para o director, isto significa que elle deve procurar no scenario, antes de iniciar a producção, quaes as scenas decisivas da historia, para dar-lhes

(*Termina no fim do numero*)

Applausos

— Mas Kitty! Não percebes, creatura, que estás sendo a mais maluca das creaturas? Queres, então. educar, finissimamente, a tua filha?

(APPLAUSE) — *FILM DA PARAMOUNT*

HELEN MORGAN	*Kitty Darling*
Joan Peers	*April Darling*
Fuller Mellish Jr.	*Hitch Nelson*
Jack Cameron	*Joe King*
Henry Wadsworth	*Tony*

Director: — *ROUBEN MAMOULIAN*

Filha de uma artista? Para que? Para que ella termine corista? Olha, Kitty, se me amas...

E disse-lhe todo o seu plano. Fazer regressar April. Que trabalhasse! Ou, então, que ficasse ao seu lado, com muito menos gasto. E, com aquelle dinheiro, então, poderiam tentar o grande passo que ensaiavam a tanto e que os levaria ao cumulo da gloria, na carreira que abraçavam...

Kitty ouviu. Kitty pensou.

Kitty teve batalhas dentro do seu cerebro.

As palavras de sêda, de Hitch, venceram a consciencia de Kitty.

KITTY queria o successo. Dentro daquelle palco. Que era toda a sua vida. Resumo de todos seus sonhos e chiméras.

Mas para April... Kitty não queria o palco. Queria-a longe daquillo. Bem longe! Queria-a, numa sociedade melhor. Ao lado de gente distincta, fina. Vivendo uma vida que ella Kitty nunca vivêra...

Ali estavam as duas mulheres. O amor que Kitty tinha á sua filha. Era maior do que tudo que de mais sublime e de mais forte possa haver, no mundo. E bem por isso que não a queria naquelle meio que era seu. Mas que tambem era um meio que a contristava, que a aborrecia...

O pae de April, doente, morrêra justamente no dia do seu nascimento. E, quasi no apogeo do successo, Kitty, agora, procurava um sonho bonito, para a sua April. E, para si, as glorias ephemeras de um palco...

E, assim, aquillo se resolveu, mesmo. April iria para um convento.

— Mas Mamãe...

— Filha. Quero-te educada. Distincta! Para que talvez faças um casamento decente e bom e que te tornes uma creatura que todos invejem e respeitem...

April obedeceu. Era docil e meiga. As vontades de sua Mãe, eram leis...

Como foi que Hitch entrou pela vida de Kitty, é difficil saber. Um sujeito que tinha papeis comicos em farças. E que, na vida real, era um perfeitissimo e alinhadissimo villão...

Ao cabo de algum tempo. De beijos. De caricias. Kitty. Que era meiga e bôa. De coração branco e de alma amorosa. Era quasi um joguete ás mãos daquelle homem...

— Kitty, é facto que mandas, do que ganhas, a metade á tua April? Para educal-a? Naquelle carissimo collegio?

Kitty confirmou.

E April, em poucos dias, estava, de novo, ao lado de sua mãe...

— Mamãe... Ha muito que lhe quero dizer...

Kitty polia as unhas. Já suppunha, mais ou menos, o que lhe diria a filha...

— E' que eu queria tanto vel-a casada com Hitch...

A phrase feriu. Kitty não se revoltou. Nem se aborreceu. Apanhou sua filha. Beijou-a. Aquelle beijo, mesmo, foi a unica resposta que lhe poude dar...

Depois, falou a Hitch. Casaram-se. Elle apparentava o eterno apaixonado... O eterno meigo e bom marido...

— Kitty, amas-me?

Beijava-a. Na frente de April. E aquillo, dentro daquelles moldes de hypocrisia. De fingimento. Matrimonio sahido, afinal, daquillo que April presenceara, quando regressara... Revoltava April. Eram sonhos bonitos os que tinha. Mas era tão falsa e negra a vida que via...

Um dia, quando Kitty se ausentára. Hitch agarrou April. Beijou-a. Com brutalidade. Com força.

— Canalha...

Hitch riu. Tentou agarral-a, de novo.

— Pequena... Vem! Aos braços do teu papaezinho...

April fez-lhe ver a canalhice daquillo. Ameaçou contar a Kitty.

— Podes contar... Direi que foste tu que me tentaste e ella crerá em mim...

April calou...

Conhecia a força daquelle cynico...

Felizmente ella encontrou, na vida, Tony. Um marinheiro. Bom e direito, que se apaixou logo por ella. Ao menos, em casos novos, contaria tudo a elle e delle teria a devida protecção...

O que veio, depois, foi a catastrophe immensa. Uma serie de circumstancias dramaticas. Terriveis!

Hitch rompeu com Kitty.

— Tu!!! Artista? Nem foste e nem serás! E's uma negação! Vamos, dá-me dinheiro se não queres que te arrume os musculos nos nervos!

A reacção foi rapida. Kitty pol-o para fóra. Aos urros. Aos berros.

April ouvira tudo. E, no dia seguinte, cheia de pena. Rompendo embora com Tony, que a não queria no palco, ingressa para o theatro e passa a fazer parte do côro do theatro de sua mãe.

Esta, desilludida. De fracasso em fracasso. Nem forças tem para impedir que sua filha siga aquella mesma carreira que ella já reputava infame... Havia o remedio. Ella não sabia que April rompera com Tony. Mas suppunha que Tony se houvesse afastado por causa da vida que ella levava...

Ingere a dóse de veneno. E, assim, vae para o seu numero...

Mas o contra regra não a deixa entrar.

— Esta creatura está bebada!

Levam-na para o camarim.

— Ha alguem que saiba o numero della?

April atira-se.

— Eu sei!!!

O empresario precisava dar uma solução áquillo. Avisa o publico. April entra. Nova. Bonita. Voz bôa. Vence o publico. E é applaudida.

Depois, quando volta para o camarim. Seguida de Tony. Que se achava no espectaculo e que já vinha, disposto a lhe pedir perdão. Encontram Kitty cahida.

Morta...

Ha o desespero. A angustia. A magoa daquella filha que, apesar de tudo, queria muito á sua mãe... E, depois daquelles momentos negros, na sua vida, vem, afinal, a paz e o socego que encontra nos braços de Tony, que muito a amava e muito a queria...

Jack Buchanan será o galã de Jeannette Mac Donald, em "Monte Carlo", film que Ernst Lubitsch está dirigindo, para a Paramount, com scenario de Ernest Vajda. Tyler Brooke será o criado de Jack e ZaSu Pitts a camareira de Jeannette... Teremos um novo "Alvorada de Amor?..." "Cadê" Chevalier?...

A 14 deste mez de Junho, Ben Lyon passará a ser mais conhecido por Mr. Bebe Daniels. Para o enlace, Bebe já convidou, para damas de honor, Marion Davies, Lila Lee, Betty Compson, Adela Rogers St. Johns, Constance Talmadge, Diana Fitzmaurice, Marie Mosquini e Mae Sunday. E, Ben, escolheu, por sua vez, para padrinho Hal Howe e, para "damos" de honor, Henry Hobart, George Fitzmaurice, Sam Hardy, Frank Joyce, Howard Hughes, Skeets Gallagher, Dr. Harry Martin e Wallace Davis. Na minha opinião, sinceramente, Bebe vae se arrepender, porque o Ben é tão perobinha, coitadinho...

E' quasi certo que Colleen Moore faça tres films para a United Artists.

Monta Bell deixou de ser o director dos Studios de New York, da Paramount. Desligou-se desta fabrica e, como tal, apparecerá "free lancing", daqui para diante e, principalmente, depois da apresentação de duas peças theatraes, em New York, das quaes elle é o financiador.

"Rawhide", da Pathé, terá William Boyd no principal papel e será o seu primeiro film "super". Dirigil-o-á Reeves Eason.

Como Neil Hamilton VENCEU...

Naquelle restaurante de artistas, havia um padre. O moço se approximou delle e, respeitoso, sentando-se ao seu lado, tirou o chapéo.

— Com licença, meu bom sacerdote!

Não obteve resposta. Nem siquer um sorriso de complacencia ou outra cousa assim...

Estranhou aquelle padre ali. Por que seria? Ao menos se elle tivesse respondido ao comprimento... Com gentileza. Como sóe ser... Mas...

— Descobri, afinal, que era Alec B. Francis, caracterisado. Soube-o, logo depois, porque um rapaz que ali estava. Rindo-se de mim, ainda, me informou...

Foi assim que começou o contacto de Neil Hamilton com os artistas de Cinema. Os seus primeiros passos na Cinematographia, mesmo...

O rapaz que delle se riu e que o informou sobre o seu engano. Chama-se Rod La Roque...

— Quando dali me retirei. Olhando de soslaio aquelle velho que eu admirava. Como artista grande que elle é. Quando poderia eu sonhar que ainda, um dia, o teria ao meu lado, em "O Mestre de Musica", representando?... Depois, occupei um quarto simples, mas bom. Numa pensão barata. Era, mesmo, o quarto melhor que eu conseguia desde que sahira de New York... Tinha banho. Bons moveis. Cama de casal. E tapetes fofos. E custava apenas 4 dollares por semana...

— Depois, quando me contaram que um dos meus vizinhos era auxiliar do departamento de córte, da Goldwyn, senti-me feliz. E, fazendo-me seu amigo. Com certeza teria accesso, mais tarde, aos logares que almejava conhecer. Para depois, quem sabe, subir a escada do successo, nos films...

— O primeiro Studio que procurei, foi o da World. Perguntaram-me, lá — e que Deus me perdôe a mentira... — se eu sabia nadar, remar, cavalgar, dansar e demais cousas... Respondi que sabia, sim e com perfeição... Ainda que perguntassem se eu sabia pilotar aviões eu teria affirmado que sim... Era a instrucção que sempre tivéra daquelles que venceram, no successo...

— Depois, passei pelo Studio da Fox. Lá, nada consegui. Depois, no da Paragon, no qual Marshall Neilan dirigia Blanche Sweet. E, depois, finalmente, no da Goldwyn. Que era o maior. E, depois, continuando a minha romaria. Pelo da Solax. Aonde trabalhava Maurice Tourneur, num film. Preparei-me para esperar. Ainda tinha 50 dollares. E, além disso, prometteram todos arranjar-me collocações.

— No dia seguinte, animei-me. Na rua, logo que sahi. Deparei com uma companhia filmando exteriores. Era da World e, com ella, trabalhavam Frank Mayo e June Elvidge. E, ainda hoje, rio-me quando me lembro que fiquei estupefacto, vendo que ella tinha tom verde sobre os olhos. Perguntei á alguns dos circumstantes para que era aquillo. E, depois de muito custo, com máo humor, responderam-me que era porque "photographava melhor"... Logo depois disso comprei um baton de pasta verde...

— Quatro ou cinco dias depois, tive a primeira chamada. Mandavam que eu estivesse no Manhattan Opera House. Dia tal. A's tantas. Se me dissessem, mesmo, que estivesse no topo do mastro do Wooldorth Building, eu estaria lá, com certeza...

— O meu amigo Dalton, aquella do departamento de corte, da Goldwyn, trouxe-me mais pasta de maquillagem. E, no dia seguinte, estando elle livre, levou-me á uma tinturaria, para alugar um traje a rigor. Custou-me, aquillo, 2 dollares e meio para o aluguel. 3 dollares pelo make up. 60 centavos de taxi. E, assim, um total de 1 dollar e 10 de prejuizo. Porque recebi 5 dollares pelo meu trabalho... No emtanto, ainda sorri e me senti satisfeito. Porque, afinal, "tinha trabalhado".

— Cheguei ao Manhattan Opera House, á hora marcada. A razão do chamado para hora tão avançada, era que queriam os extras pelas escadas. E, durante o dia, a população que ali agglomerasse, para assistir, não permittiria que se trabalhasse. Assim, resolveram filmar durante a noite. Depois disso, puzeram-me num quarto com mais de 300 homens em trajes de rigor. Era, diga-se, a primeira vez que eu usava taes roupas... Vi, surpreso, que ali apenas havia um espelho pequenino. E que cada um tinha o seu. Eu deixára de comprar um. Porque, afinal, achava que aquillo seria perfeitamente innutil. Arrumei a pasta. Pelo pescoço. Atraz das orelhas. Na raiz dos cabellos, mesmo. E, depois, bastante pó e, finalmente, rouge nos labios em grande quantidade. Imaginem só como eu deveria estar...

— Kitty Gordon era a estrella do film. Irving Cummings era o seu galã. O film, "The Scar". A's 6 da manhã, tudo terminou e nós fomos dispersados. Achei que era muito trabalho tirar a maquillagem e livrar-me, ali, daquellas roupas. Arrumei o que levava. E, via subway, segui para Forte Lee. E' logico que servi de grande curiosidade a todos que me contemplavam...

— Talvez julgassem um maniaco. Eu, garanto-lhes, pensava, apenas, que era um "artista de Cinema"...

— Os cincoenta dollares, fizeram-se quarenta. Os quarenta, trinta, vinte. E estes, em nada. — Era a primeira experiencia que curtia no capitulo da necessidade... — Afinal, depois de muito trabalho, consegui me encaminhar. Figurei em "The Life of General Pershing", dirigido por Richard Stanton. Em "Women", de Maurice Tourneur. No qual tirei o meu primeiro "still". Um film na World, com John Bowers, dirigido por Del Henderson. Um com Geraldine Farrar, chamado "The Turn of the Wheel", fóra "Over the Top", com Guy Empey, dirigido por Emile Chautard. Não me esqueço deste ultimo. Porque, nelles, representavamos soldados inglezes... Haviam explosões, á nossa passagem. E, como um dos

(*Termina no fim do numero*)

Ruth Roland . . .

VAMOS VEL-A EM "RENO"

Todos os Estados Unidos se divorcia em "Reno". Ruth, porém, fez as pazes com o Cinema, em "Reno"...

A ARTE

mente, com um pouco menos, ainda, igualaria a nossa commum mamãezinha Eva...

Edwina Booth, em "Trader Horn", lança-

ANNITA PAGE

CORINNE GRIFFITH

LOTTICE HOWELL

Quando Betty Blythe, em "A Rainha do Sabá", appareceu assim... Assim... E' isso mesmo! Foi um escandalo dos diabos. Os censores norte-americanos, todos, em azafama, acharam e reputaram "aquillo", simplesmente "immoral"...

Hoje, afinal, com a invasão das scenas de revista, já ninguem liga mais a menor importancia aquillo que os criticos acharam "immoral", na respeitavel senhora "Sabá" e que, hoje, é mais commum do que gente vestida...

Porque trocar de esposa?, que De Mille, ha annos, fez, para a Paramount, foi um escandalo. Porque? Ora... Só porque Gloria Swanson se desnudou, atraz de um biombo, mostrando as costas completamente nuas... E, ainda, quando Betty Compson, e, "O Homem Miraculoso", appareceu num banheiro, com os braços e parte do busto visiveis, completamente nús, houve até censores que metteram a tezoura naquillo, pudicos, levando os pedaços cortados, pudibundos, para... casa...

Mas, agora... E' canja!

Corinne Griffith, em "Quero ser feliz", ella, que é tão distincta, tão orchidea, tão lady, tão phrases de poetas, apparece com um ligeirissimo maillot côr de carne, grudado ao corpo e mostrando-a, sobre um radiador de automovel gigantesco, num dos numeros theatraes, do film...

Vivienne Segal, em "Golden Dawn", canta com uma linha impeccavel e mostra as suas linhas impeccaveis, tambem...

Kay Johnson, conversando sobre os seus trajes, em "Madame Satan", diz, num sorriso lubitscheano... "Ora, não sejam curiosos! E' tão pouco o que vesti, que, francará a moda selvagem do traje feito com uma folha de palmeira, enrolada ao corpo... E' logico que, por maior que seja a palmeira e por maior que suas folhas sejam, sempre haverá muito, mas muito, logar, mesmo, para os mosquitos morderam...

Sue Carol, em "The Golden Calf", tem um papel de modelo de pintor celebre. E' logico, o pintor sempre se celebrisa quando melhor pinta, com o manto diaphano da phantasia, a forte nudez da verdade...

Sharon Lynn, no "Fox Follies de 1930", apparece, em certa dansa, apenas com tres grandes perolas e um cordel... E, neste mesmo numero, as coristas apparecem com vestidos muito originaes. Todos elles, "pintados" na pelle...

Mr. Danny Dare, creador de revistas e mais revistas, em New York, acha que é difficil educar assim depressa o publico americano á comprehensão nitida da belleza esthetica do nú. "Em primeiro logar, meu amigo, porque infelizmente, para as nossas consciencias ainda não treinadas, a visão de um corpo de mulher ainda é um choque. Dizem, os puritanos, que isto é immoral. Afinal, seria immoralidade o que lemos e vemos em quadros, dos tempos antigos, quando todos, mais ou menos, traziam sobre si a menor quantidade possivel de roupas? O theatro de revista, diga-se, já tem o seu publico mais ou menos acostumado. Porque, para elles, as mulheres, têm apparecido completamente núas. O Cinema, no emtanto, que agora, apenas, está recebendo certas maneiras theatraes, sente-se, é logico, vexado diante desses espectaculos que agora começarão a ser exhibidos. E' por isso que notamos e lemos, ainda, censuras á certas scenas que, francamente, não têm a menor importancia. A situação é que faz a immoralidade. Ha muito film com mulheres cobertas dos pés á cabeça que, sem favor são as cousas mais fortes e pouco decentes que já se têm visto. Sinceramente, o nú, nos films silenciosos, não se justificava. Era, mesmo, quando exhibido, o mesmo que se estivesse vendo uma collecção de postaes francezes...

Mas, com a voz e com a musica, o nú se disfarça e nos apparece com outro colorido e com outra significação. E' logico. Mr. Sammy Lee, tambem creador de revistas, acha "que é necessaria a demonstração do nú, para que as mulheres apreciam a maravilhosa creação que Deus as fez. E, assim, cuidem, para a saude e para a belleza, de se aperfeiçoar e de se tornar identicas ás que apparecem nos espectaculos que vejam".

Continúa o mesmo cavalheiro dando as suas opiniões.

— Um dos corpos mais bem feitos de Hollywood, é o de Bessie Love. Bessie, sem favor, é uma estatueta em perfeição.

DE DESPIR

Existem outras, muito mais jovens, que não têm a sua perfeição physica. Núa, totalmente, ella ainda conseguiria dar, ao publico, a exacta impressão de castidade que muitas outras, completamente vestidas, não poderiam.

— Ha algumas artistas, que, francamente, revoltam-se contra scenas em que têm que apparecer mais ou menos despidas e não trepidam em se negar a fazel-as. Mas, a razão é facilmente comprehensivel. E', unicamente, porque, dos hombros para baixo, são absolutamente sem esthetica physica. Quando montei uma de minhas revistas, para Ziegfield, num dos quadros apresentava 6 pequenas, totalmente núas. Mas, para tanto, eu considerei, antes de mais nada, a impressão de alma que ellas sentiam, assim, e depois, as escolhi. Porque, francamente, a expressão do rosto deve ser justamente a expressão do physico. Porque, como symbolo de pureza, não póde uma mulher ter, na physionomia, nada que indique que pertence ella, como a outras, á um mundo de malicia. E, assim, com a pureza da sua expressão, susterá, ella, todo o avanço malicioso do conceito publico e purificará a idéa.

— Visitei o "set" de De Mille e vi Kay Johnson, no seu resumido costume... Pois bem. A sua attitude era tão simples, tão humana, que, sinceramente, ao peor dos homens não poderia despertar sinão respeito e consideração.

— Para se despir, actualmente, um certo numero de "girls" de Hollywood, é ser ousado. Porque, para tanto, ainda não se acham educadas. Clara Bow, Alice White e tantas outras, poderiam apparecer assim? Nunca! Porque uma só expressão, das suas physionomias brejeiras, traquinas, botaria por terra toda a pureza do quadro que estivessem representando. E, na maioria, as "girls" de Hollywood são emulas de Alicinha e Clarinha... Mas, depois de educadas, poderão fazer frente ao publico, seguras, porque elle nem se revoltará e nem se mostrará contrario.

Foi o que disse Mr. Lee.

E' justo que se accrescente, á estas opiniões de technicos theatraes uma pequena nota. Estará elle mesmo certo do que diz?

Está.

Porque?

Ora... Porque confessa, sincero, que todos os costumes maus que Hollywood está adquirindo, ultimamente, são provenientes da invasão, lá, da turba do theatro e da turba da voz. Elle tem razão. Morreu o symbolo delicado do silencio, para entrar o som e o nú...

GWEN LEE...

MARY DORAN. AO ALTO, BESSIE LOVE

"In Deep", da Pathé, será o proximo film de Constance Bennett. A direcção cabe a E. H. Griffith.

Louis B. Mayer, Irving Thalbert e J. Robert Rubin, assignaram novo contracto de 5 annos, com a Metro Goldwyn.

Tim Mac Coy, coitado, é agora, artista principal de um film em serie que a Universal está para iniciar e que terá, como outros companheiros, Alene Ray, Franscis Ford e Edmund Cobb... Eu era mesmo capaz de ter jurado que elle havia de acabar assim, mesmo...

A M. G. M. contractou o humorista inglez para escrever dialogos de seus films. Chama-se elle, J. Wodehouse. Humorista inglez?... Bôa anecdota...

E' muito provavel que a tão nossa conhecida Billie Burke, que tantos films já fez e nos mostrou, seja a principal figura de "Dancing Mothers", successo silencioso de ha annos que, agora, a Paramount quer refazer, falado.

O director Emmett J. Flynn, coitado, é um refinado pau d'agua. Ha dias, em Hollywood, foi preso por estar guiando automovel em completo estado de embriaguez... E' por isso que os films que faz, para a Universal, são tão "espirituosos"...

DOROTHY MACKAILL..

FIGURAS DE "SHOW OF SHOWS"

ADAMAE E ALBERTA VANGHN

ARMIDA E DOLORES

BETTY COMPSON

SALLY O'NEIEL E MOLLY O'DAY

SALLY BLAINE E LORETTA YOUNG

Canta isso, dizendo

— A Paramount já tem uma cantora blues. Mas eu acho que têm a idéa de me fazer cantar, tambem.

Lillian Roth acaba de regressar de uma excursão pela costa do Oeste. Fizéra diversas apparições pessoaes.

— Em S. Francisco, meu amigo, tive momentos esplendidos. Todas as manhãs, por exemplo, o dono do hotel mandava-me um ramalhete de rosas com os seus comprimentos. Depois, fomos a Portland. Na manhã seguinte, a primeira cousa que recebi, foram tres maçãs coradas e bonitas. Presente do hoteleiro... Eu ali iria ficar 3 dias. E, naturalmente, elle me quiz homenagear com uma maçã em cada um delles...

— Não sei se foi vaidade. Mas não póde imaginar a satisfação que tive com essas apparições pessoaes. Como aquillo me agradou. Acho, no emtanto, que é porque, antes, sempre trabalhei em theatro. E, sem duvida, o artista de Cinema, hoje, é muito mais importante do que o de theatro...

— Estive, durante o dia, em 15 casas de negocios, a titulo de reclame, sempre. O povo, ao redor, cercava-me, curioso, sempre. E, alguns dos que ali estavam, perguntavam-me cousas. "O cabello de Clara Bow é realmente vermelho, é?" "Buddy Rogers, fóra da téla, é o mesmo bello rapaz, é?" Uma mulher, então, perguntou-me. "Como consegue simular tão bem que não é convencida?"...

Lillian Roth quando canta "blues" deixa mesmo a gente sobre o azul...

Mas Lillian, de facto, é uma das mais simples artistas que já conheci. E', mesmo, impossivel imaginar-se alguem que tenha tão pouco convencimento de seus meritos. Talvez, mesmo, seja isto fructo de ter, ella, sempre sido artista. E, portanto, não lhe causar especie, nada disso que agora lhe acontece. Ha, mesmo, vendo bem, uma grande differença entre Lillian e qualquer das communs artistas que conhecemos. Tal qual a differença que ha entre os que sempre tiveram fortuna e os novos ricos... Aos seis annos, apenas, já Lillian iniciava sua carreira artistica. Mas, mesmo antes de nascer, já se destinava ella á ella...

Sua mãe, sempre quiz ser uma cantora de blues. Era a carreira que sempre a seduzira. Tinha voz. Mas os outros requesitos não lhe eram propicios. Assim, como todas as outras mulheres desapontadas, quanto ao successo de suas aspirações, procurou, no casamento, o alivio necessario.

— Póde parecer ridiculo — diz Lillian — mas Mamãe, mezes antes de eu nascer, levava-me ao theatro. Ella costumava ouvir Sophie Tucker e Nora Bayes. E, ainda, gostava de apreciar as outras mulheres, donas de bôas vozes. E, sempre me contava que dizia, naquelles momentos. "Ah, se meu filho assim ficar..."

De facto, a mãe de Lillian sempre manteve a sua primitiva idéa. Ella, realmente, não esperava uma filha. Esperava uma cantora de blues...

Mas, apparentemente seus sonhos pareciam ruir. Assim que se ouvio a voz de Lillian. Parecia que ella nada daria nesse genero...

Houve a luta. Lillian tomava licções, quando attingiu essa idade. Mas parecia que nada aconteceria...

— As primeiras notas que me ensinaram, eram as mais pesadas cousas que já havia aprendido. Achava aquillo difficil e insupportavel. Minha mãe não descançava, na luta. Mas, apesar de tudo, eu continuava infelicissima, com as minhas licções de canto... Mas ella ainda me continuava treinando para o palco. E, de Boston, foi para New York, com o unico fim de me aperfeiçoar na voz e me encaminhar para o palco.

— Quando cheguei aos seis annos, assim, tive o meu primeiro papel. Num film, aliás... Em Fort Lee, New Jersey. Existiam ali, muitas creanças loiras, cabellos encaracolados, cheias de esperança pelo papel que se delineava. Mas fui eu que o tive...

— Depois disso, passei a representar papeis dramaticos, dentro dos meus papeis infantis. No palco. Depois, encaminhei-me pelo "vaudeville", até, emfim, fazer-me uma comediante. Comecei a tentar imitações. Fiz de Lenore Ulric. De Ethel Barrymore. De Florence Reed. Todas ellas, artistas dramaticas profundas. E, afinal, era mesmo isso que eu sempre quiz ser. Mas, para a minha tenra idade, eu não ia além, mesmo, de uma criança muito triste... Tinha o rosto mais serio do mundo. E, não era raro, mesmo, derramar-me em prantos inexplicaveis... Emquanto falava, Lillian não se mostrava satisfeita e, parecia, mesmo, que aquellas recordações lhe traziam nuvens, ao cerebro.

Contava, justamente, a sua carreira dramatica, aos 12 annos... Uma tragedia, realmente!...

Lillian, apesar de tudo, tinha os requesitos todos de uma cantora de blues. Faltava-lhe apenas... a voz.

— Mantive-me sempre na tentativa. Ensaiava e estudava canto. Mas as esperanças eram poucas. E, as existentes, escapavam-se, aos poucos. Minha mãe desesperava-se. Não era raro zangar-se, ella, e me dizer. "Mas, por favor, pequena, não és mesmo capaz de cantar uma nota afinada que seja?" E as tentativas continuavam...

Depois, mais tempo passado, procurou ella os Shuberts.

— Sou uma artista dramatica e desejava trabalhar.

— Sim. Mas que nos importa isto? Escuta, filha, estamos escolhendo o elenco de "Artists and Models" e queremos alguem que cante blues.

E voltaram-lhe as costas. Sua mãe já se voltava, desanimada, quando, acontecendo qualquer cousa, sobre Lillian, dirigiu-se ella aos empresarios e lhes disse, resoluta.

— Eu cantarei!

Dirigiram-se ao piano E, sem que até hoje eu

(*Termina no fim do numero*)

AL. JOHNSON DE SAIAS.

(CAPTAIN OF THE GUARD) — *UNIVERSAL*

LAURA LA PLANTE	*Marie Marnay*
JOHN BOLES	*Rouget de Lisle*
Sam de Grasse	*Bazin*
James Marcus	*Marnay*
Lionel Belmore	*Coronel dos Hussares*
Stuart Holmes	*Luis XVI*
Evelyn Hall	*Marie Antoniette*
Claude Fleming	*Magistrado*
Murdock Mac Quarrie	*Pierre*
Richard Cramer	*Danton*
Harry Burkhardt	*Materon*
George Hackathorne	*Robespierre*
De Witt Jennings	*Priest.*

Director: — JOHN S. ROBERTSON

A MARSELHEZA

Apesar de tudo, de toda insistencia de seu pae. Marie não se queria casar com Bazin. Elle era velho. Feio. Podia ser seu pae. E, sendo assim, sua mocidade o podia acceitar? Seu coração não se revoltaria? Seria possivel que ella tolerasse aquelle casamento tão desigual? Que iria matar todos os seus sonhos. Todas as suas phantasias? Não! Não era possivel. Mas...

O que poderia fazer Marie contra a vontade de seu pae? Se, hoje, epocha das Clara Bow e das Joan Crawford, é ainda possivel que um pae obrigue uma filha ao casamento que não lhe agrada. O que poderia fazer Marie, naquella epocha tão remota, tão distante?

Casar, não é?

Ella sonhava com a revolta. Mas, pobrezinha, tinha que se sujeitar...

Bazin, tinha uma mania. Queria educal-a. Finissimamente. Para que ella fosse uma esposa delicada. Bôa. E bastante distincta para que elle a pudesse apresentar em qualquer passeio, em qualquer logar.

E, o primeiro passo que dá, para tanto, é procurar-lhe um professor de canto.

Rouget de Lisle.

Um moço bonito. Distincto. Dono de voz excellente...

Pobre Bazin... Ha velhos, mesmo, que têm a ingenuidade muito mais apurada do que a dos recemnascidos...

Um dia, contra os seus habitos, Bazin chegou mais cedo. Queria, mesmo, gosar os ultimos instantes da licção de canto de sua futura esposa...

De facto, do interior da sala, vinha uma melodia doce. Encantadora e meiga. Contava-a Rouget. Depois, lentamente, era a voz de Marie que se ouvia, a cantar, mais doce e mais meiga, o estribilho amoroso...

Bazin, satisfeito, abriu lentamente a porta. E, ali, comprehendeu o porque do tamanho interesse que as mesmas lições de canto vinham despertando em sua noiva...

Dali ao Marnay, pae de Marie, foi um pulo.

— Suspenda-me essas lições de canto! Immediatamente! Imagina, idiota, que tua filha...

E contou-lhe, raivoso, que a vira, cabeça encostada aos hombros de Rouget, cantando e olhando-lhe os olhos negros, numa expressão quasi de extase...

Mas, emquanto Bazin e Marnay conversavam, chega um emissario do Coronel dos Hussares e, procurando Rouget, entrega-lhe um importante communicado. Antes de partir, para solvel-o, Rouget apanha as mãos de Marie.

— Amo-te! E tu, me queres apenas um pouco?

Marie o encara. Aquella pergunta, que ha tanto tempo ella esperava, não merece siquer uma resposta. Meiga, lenta, apaixonada, ella se appoia aos braços de Rouget e, mansamente, trocam um apaixonado beijo. Cheio de extase. Cheio de paixão! das suas mocidades que já os devoram...

Emquanto isto tudo se passava, o Rei se divertia. As festas que davam, eram nababescas. A Rainha, mais perdularia do que o Rei, ainda, nem se importava com o que dissesse o povo. E este, miseravel. Infeliz. Soffria, já, os tormentos da fome.

— Mas elles já têm fome, majestade!

E a rainha, maldosa e ironica.

— Que comam pedras.

Ah! Pobre Rainha! O preço desta vossa phrase seria em breve pago... Já não eram pequenos os brados de vingança. Já não eram, menores, os brados de odio. Era impossivel que aquella situação angustiosa perdurasse por muito mais tempo. Assim, tudo se agitava. Tudo soffria um desmando medonho. Quando o povo, revoltado, accusou, um dia, o pae de Marie de "realista". Ella, que pouco ou nada sabia daquillo, acceitou aquelle termo despresivel, como se fossa cousa que a orgulhasse.

— Meu pae! Orgulhe-se de ser realista! E porque não?

Mas Marie, pobrezinha, não continuaria mais, por muito tempo, dentro destes seus pensamentos...

Nesta mesma noite, uma das patrulhas do Rei. Penetrou a estalagem de Marnay e, em pouco tempo, já se achava, toda ella, profundamente embriagada. Um dos officiaes, mais ousado e libertino. Propoz que Marie fosse disputada, entre elles. a dados. Marnay, como era de se esperar, oppoz-se, terminantemente, que tamanho desmando se commettesse, com sua querida filha. Mas, pobre, antes que terminasse a sua phrase de revolta e opposição, já tombava seu corpo. Varado. Ferido. Agonisante. Sob a lamina de um dos soldados dali...

— Papae!

Foi o grito medonho. De revolta e de odio. Que Marie emittiu. E, diante do seu odio. Da sua expressão medonha, de dôr, aquella corja desalmada recuou. Não! Não tinham o direito de tocal-a! Tinham sido tão brutos. Tão crueis, matando aquelle pobre velho. Seu pae. A unica pessôa, na vida, que a amava, sinceramente, já que o seu querido Rouget tão longe estava...

No dia seguinte, a resolução foi tomada. Ella se revoltaria. Seria do povo.

E, como primeiro passo, apanha de um papel. E escreve.

— Rouget. Amo-te. Mais do que nunca! Profundamente e como nunca ninguem te amou. Mas não posso mais manter o meu juramento para comtigo. Quero que saibas, querido, que meu amor não terminou. Continúa. Para todo o sempre. O que me impede, apenas, de acceitar a delicadeza do teu coração e a segurança da tua protecção e do teu amor. E', apenas, um juramento sagrado que fiz. Mais forte e mais poderoso do que tudo que na vida já fiz... Tua Marie.

Mezes se passaram. Marie, para o povo, não era mais Marie Marnay. Era *La Torche*. Revolucionaria terrivel. Impiedosa. Arrasadora. Animadora do povo. Revoltada eterna contra as crueldades crescentes e pavorosas que commetiam os realistas contra aquelle montão de soffredores.

E, ao som dos seus gritos. Ao ouvir suas palavras. Todos se erguiam. E a accompanhavam. Fosse *La Torche* para onde fosse. Era ella que conduzia. Os outros a seguiam e ouviam, cégamente, o impeto das suas palavras...

Bazin traça o seu plano. Aquillo não podia continuar. E, sob sua orientação, o homem escolhido para capturar a indomavel revoltosa, era Rouget de Lisle. Elle, ignorando, absolutamente, ser ella a sua adorada Marie. E, ainda mais, agoniado com a sua infelicidade amorosa, suppondo, mesmo, que sua promettida se casára com outro, não esperando o seu regresso. Elle, que, da vida, nada mais espera. Promptifica-se a prendel-a.

Encontram-se. O satanico Bazin, sabia perfeitamente daquillo. Era o dia da sua desforra. E, emquanto se encontravam, na deserta taverna de S. Claude, já os soldados do Rei se preparavam para dar busca á mesma estalagem, para prender á ambos, executando-os, em seguida... Era o ciume do velho e a sua vingança...

— Marie!

— Rouget!

Foram as unicas palavras que conseguiram trocar, quando se encontraram. Havia tanta emoção. Tanta saudade. Tanto sonho, nos pensamentos de ambos. Que, naquelle instante, mesmo, sentiam, ainda, saudade dos beijos que já haviam trocado e que eram, afinal, a jura mais sagrada de quantas já háviám feito...

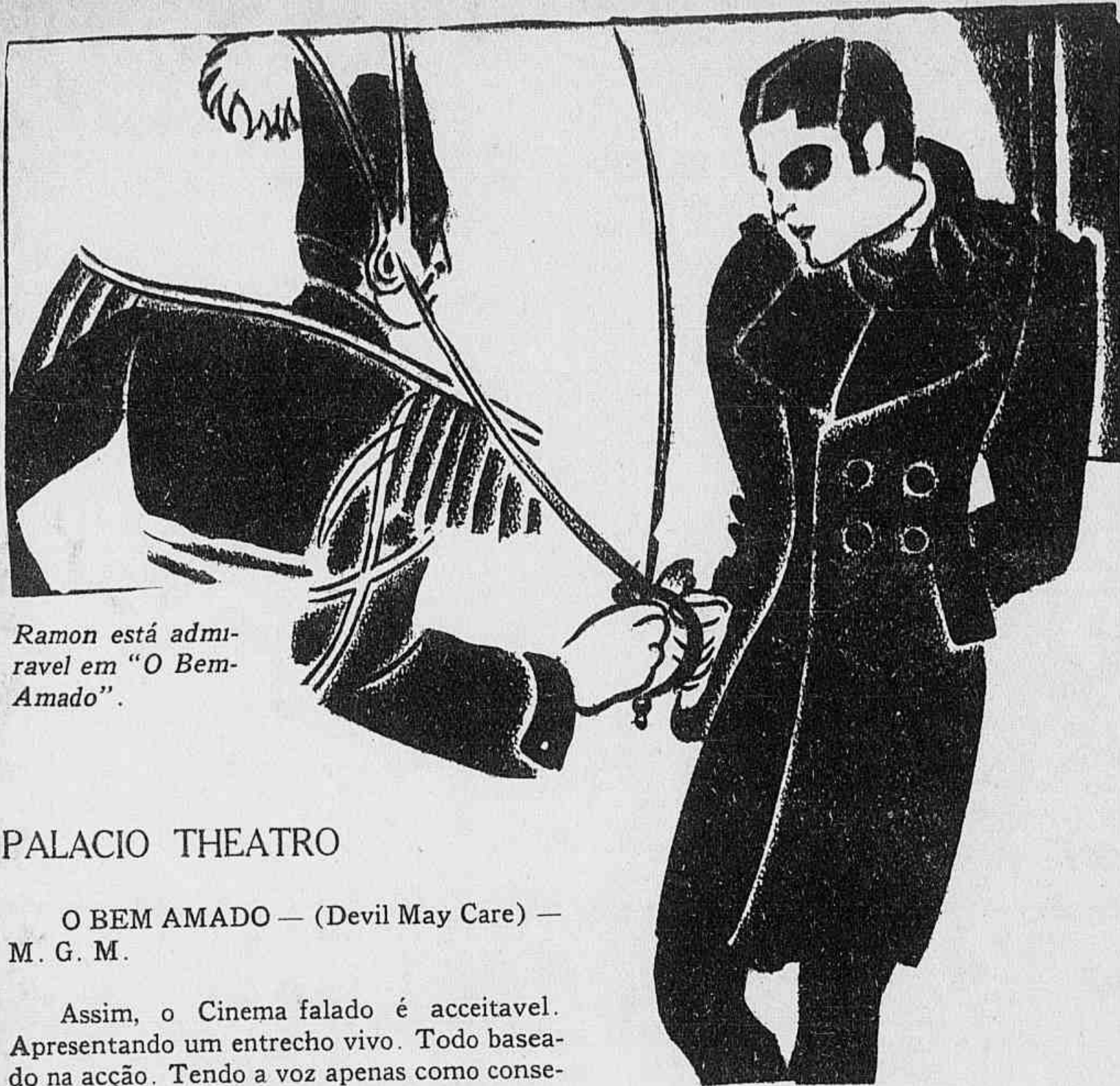
Beijavam-se ainda. Contavam como haviam passado os dias de ausencia. Quando entram os soldados do Rei. Commandados por Bazin.

— Bravos! Vejo que está cumprindo plenamente a sua missão...

Rouget surprehende-se.

— Essa é *La Torche*... E o meu amigo, pelo que vejo, ama-a... Sabe o que é isso?... Trahição...

(*Termina no fim do numero*)

A Téla

Ramon está admiravel em "O Bem-Amado".

PALACIO THEATRO

O BEM AMADO — (Devil May Care) — M. G. M.

Assim, o Cinema falado é acceitavel. Apresentando um entrecho vivo. Todo baseado na acção. Tendo a voz apenas como consequencia. Foi, aliás o mesmo motivo que levou *Alvorada de Amor* á victoria.

Se *O Pagão* deixou uma leve impressão, apenas, da voz de Ramon Novarro. *O Bem Amado,* sem duvida, colloca-o em os cantores mais propensos a agradar o publico. Porque, além da sua voz. Que, se não é perfeita, sob o ponto de vista technico, é muito agradavel, sob o ponto de vista do coração. Além da sua voz, como diziamos, tem elle a sua figura. Toda romance. Toda sentimento e paixão. Toda arrebatadora e convincente. Dentro das scenas de delicadeza e ternura que se desenrolam diante do publico. Este film, para Ramon, trará muito mais publico ao seu encalço. Porque é um assumpto que é do agrado do mesmo. Cheio de aventuras. Rapido. Sempre ferindo as cordas do sentimentalismo. Nas suas scenas amorosas. Na sensação dos seus momentos emotivos. E, na musica dolente e bonita que o enfeita ainda mais.

Foi tirado, o assumpto, da peça *La Batsille des Dames*, de Scribe e Legouvé. E explora, mais uma vez, a França de Napoleão. Ramon apparece como bonapartista roxo. E Dorothy Jordan, como realista fervorosa. Ahi, o romance todo...

O principio do film é agitado. Depois, na casa de Marion Harris, a historia ataca o romance do enredo. Explora, na sua menor parcella, o sentimentalismo das suas sequencias de velludo e mel. E, então, sob um ambiente de seducção, Dorothy Jordan se deixa vencer pela voz e pela fascinação pessoal de Armand de Treville...

Depois, volta a sensação. E, por fim, scenas de romance de capa e espada. Que, afinal, são, mesmo, como aquellas da estalagem, com John Miljean e Lionel Belmore e o rapto, consequente. As unicas que não afinam pelo diapasão das demais.

Sidney Franklin soube imprimir ao film, romance e seducção. Enfeitou-o com uma photographia impeccavel e explorou sob todos os angulos possiveis a excellente adaptação que Richard L. Schayer fez, do argumento. A elle cabe 60% do successo do film. Os restantes 40% á personalidade de Ramon Novarro e á sua sincera interpretação.

Dorothy Jordan, que, pela primeira vez se apresenta ao nosso publico, agrada. Porque é linda. Pequenina. Meiga. Suave. E, mesmo, uma das melhores heroinas que Ramon já teve. Marion Harris faz, com distincção rara, uma grande dama, de França e, além disso, canta *If He Cared,* por exemplo, com um brilho unico. Marion é, tambem, uma das figuras que ficarão. E' feia. Mas extremamente sympathica e adoravelmente distincta.

John Miljean, sempre o mesmo. William Humphreys, mais um Napoleão detestavel. Os demais, bem. Ramon canta 4 canções. A mais linda, sem duvida, é a *Shepherd's Serenade,* que elle canta á Dorothy Jordan, quando saltam dos animaes, no intervallo daquelle passeio pelos bosques... As outras, como *Charming,* que elle canta, acompanhando o seu serviço de limpar os sapatos da sua querida Leonie, são igualmente bonitas. Ha uma esplendida movimentação de machina e a photographia é maravilhosamente suave.

Um film que marcará epoca. E' todo falado. Mas é tão rapido. Tão mostrado na acção. Que, afinal, a voz nada atrapalha. O inglez de Ramon Novarro é correcto e entende-se todo.

Para quem aprecia romances. Sentimentaes e delicados. E aventuras, duelos e heroismos.

Cotação: — 8 pontos.

Complemento, um *Metrotone* que, como curiosidade, apresentava uns lindissimos aspectos do Rio de Janeiro, esplendidamente photographados. De original, nisto, ha apenas a notar que, naquelle rapido trecho musical dos jornaes. Que são acompanhados de algumas notas musicaes, adequadas ao paiz ao qual se refere o objecto que vão mostrar, tocou-se uma melodia genuinamente hespanhola... Qual! E' por essas e outras que não acreditam quando alguem lhes affirma que aqui no Brasil a lingua hespanhola é tão estrangeira quanto a ingleza...

ODEON

O FILHO DOS DEUSES — (Son of The Gods) — First National.

Richard Barthelmess, como chinez, outra vez. Mas o argumento é convencional e batido. Ha os momentos interessantes, as scenas que satisfazem e montagens que agradam. Constance Bennett, reapparece, interessante.

Cotação: — 6 pontos.

DIAS FELIZES — (Happy Days) — Fox.

Uma extravagancia da Fox, como elles proprios declaram. Não é o que se possa chamar de deslumbrante. Neste genero tão commum, hoje, de films revista. Mas tambem não é vulgar. Tem, mesmo, quadros que são majestosamente bellos. E, outros, em compensação, majestosamente cacetes. Um contraste de cousas bôas e cousas soffriveis...

O melhor numero, achamos o de Dixie Lee, cantando *Crazy Feet*. Não sei se é porque ella se apresenta lindissima e admiravelmente seductora. Ou se é por causa da sua originalidade, mesmo. O numero das serpentes, dansado por Ann Pennington e cantado por Sharon Lynn tambem é bom. Mormente por causa das duas... Principalmente da Sharon...

Marjorie White. é, pode-se dizer, a *comadre* da revista... E, no seu numero com Richard Keene mesmo, revela-se interessantissima. O numero de Victor Mac Laglen e Edmund Lowe é da classe dos perobas. Outrosim o de Charles Farrell e Janet Gaynor. Que é apenas original, mais nada. Melhor a parodia, com Lucien Littlefield e Walter Catlett, em travesti. O melhor numero de El Brendel é o seu minueto. Está esplendido e é engraçado, mesmo. Aquelle negocio de cheirar madeira é sublimemente páo... Tom Patricola faz um sapateado e um requebrado formidaveis. George Jessell não canta, não. E Will Rogers apparece um pouquinho, apenas... Warner Baxter, James Jim Corbett, no programma, brilharam pela ausencia... Nick Stuart, Frank Albertson e David Rollins, apparecem de quando em quando. *Mona,* cantada por Frank Richardson, é um bom numero. Vale a pena, para quem apreciar films-revistas. Não chega a cansar o que prova que é acceitavel. Mas não chega a *Fox Follies*. Não tem nada de Cinema. Tem apenas musica, bailados, canções e gracinhas...

Cotação: — 6 pontos.

Como complemento, uma antiga comedia da Pathé-Hal Roach, com Max Davidson e Martha Sleeper. Tem alguns *gags* bons. O resto...

IMPERIO

QUERO SER FELIZ! — (Lillies of the Field) — First National.

A primeira versão, foi bem melhor. A mesma Corinne apparecia. Mais moça. Mais bonita. E Clive Brook e Rockliffe Fellowes figuravam. Esta, era toda falada. Aqui, nos appareceu muda. E, o que peora tudo, Alexander Korda dirigiu...

Nota-se, pelo film todo, um grande gosto esthetico. Mas o film é vasio. E, sua photographia e suas collocações de machina, em certos trechos, deslumbram, mesmo. No resto, porém, nada mais é do que uma fraca transplantação, para a téla, de mais uma peça de theatro...

Ha scenas inexplicaveis, como aquelle sapateado de Corinne, sobre o piano. E, outras, ridiculas, como aquella na prisão, quando Ralph Forbes a vae resgatar.

Não ha nada que convença. Talvez a sua versão genuinamente falada, fosse melhor. Porque, assim como está, visivelmente cortada, não agrada, absolutamente.

O elenco é enorme. Ha duas scenas interessantes para os olhos. Enchem-nas as figurinhas deliciosas de Rita Le Roy e Jean Bary...

em Revista...

Mas o film, antes de mais nada, revela o seu profundo desconhecimento da verdadeira linguagem do Cinema. Foi o seu ultimo film para a First. Agora está com a Fox, fazendo operetas...

John Loder apparece, um pouco. Tyler Broocke ensaia umas gracinhas mas não consegue nem sorrisos.

Cotação: — 5 pontos.

GLORIA

L'ARGENT (L'Argent) — Nathan.

Um film de technica caracteristicamente franceza. Sem estar cantado em linguagem cinematographica. Com exaggero de angulos e gyros de machina, muitas vezes sem opportunidade. Um film typico de Marcel D'Herbier. Alcover, no banqueiro fracassou, apezar da falta de direcção. Era um caracter importante e de que se poderia tirar muito partido. Brigitte Helm, apenas apparece como tinta. Ha uma outra pequena cujo nome não me occorre agora que é interessante. O film é desnecessariamente longo, mas tem varios interiores vistosos e agradaveis, que tiveram aliás a collaboração de dous bons pintores ou esthetas francezes. Adimittindo o colorido, as scenas do baile agradam aos olhos.

Cotação: — 5 pontos.

ARCO IRIS — (The Rainbow Man) — Sono Art Prod. — (Prog. Serrador).

Mais um film da era dos "talkies". Eddie Dowling se apresenta a frente de um grupo de menestreis. Do thema se poderia tirar melhor partido. Marion Nixon não vae bem. Frankie Darro, melhor.

Cotação: — 5 pontos.

O MODERNO FAUSTO — (Midstreem — Tiffany — (Prog. Serrador).

Argumento convencional que poderá entretanto, agradar a certas platéas. Está razoavelmente tratado e dirigido. As scenas do espectaculo de *Fausto* estão um tanto pobres, Ricardo Cortez, Claire Windsor e Montagu Love tormam parte, mas Helen Teromy Eddy é das melhores na interpretação.

Cotação 6 pontos.

PATHÉ-PALACE

PERDIÇÃO — (The Hangai Lady). — Universal — Argumento é batido, é verdade. Mas se prestava a mais um film bem interessante e de toques bem artisticos. Entretanto o ambiente e a representacão são falsos. James Murray fez a turba e não devia trabalhar mais. São desses desempenhos para um film só! Como Betty Branson em "Peter Pan". Entrar desconhecido, num film e não volver a trabalhar. Mary Nolan está bem adaptada, mas a sua representação deixa a desejar. Apezar de tudo o film distrae e poderá agradar.

Cotação 5 pontos.

ELDORADO

CHRISTO REDEMPTOR.

Rei dos Reis, de De Mille, foi o melhor substituto que o antigo e colorido film da Pathé encontrou... Assim, para variar, durante a Semana Santa, o *Eldorado* exhibiu Christo Redemptor. Com um prologo falado pelo nosso patricio Almeida Filho, em Brasileiro. E, afinal das contas, um film antigo de Dimitri Buchowetzki, feito com um elenco todo tirado de uma das tradicionaes festas de Semana Santa, da Allemanha. Figurando, em primeiro plano, os irmãos Faschnacht. Um como Christo e outro como Judas. Assiste-se, mas sem enthusiasmo algum.

Cotação: — 4 pontos.

UM THRONO POR UM BEIJO — (Street Girl) — Radio.

Um bom film, embora explorando assumpto batido. Trechos divertidos, uns acceitaveis, outros.

Betty Compson, é a pequena. Jack Oackie, Ned Sparks, figuram. John Haroon é o galã. Betty Compson toca muito bem violino. Joseph Cawthorne, como dono do cabaret, serve. Ha trechos bem felizes, na musica e a direcção de Wesley Ruggles é acceitavel.

Cotação: — 6 pontos.

RIALTO

O VAGABUNDO GENTIL HOMEM — (Mein Freund Harry).

Comedia fraca, com scenario e direcção eternamente errados... Ha apenas umas tres scenas realmente interessantes. O final, todo, passado na Italia, está ridiculo. Fóra de epoca, mesmo. Até parece, em certos trechos, film em séries...

Harry Liedtke, um avô mais uma vez é o galã... Maria Paudler, a annunciada *Laura La Plante allemã*, é bem sem graça... O melhor do film é Kord Maggi. Film cacete e longo demais. A direcção de Max Obal, apenas soffrivel.

Cotação: — 4 pontos.

O BAIRRO DA PERDIÇÃO — (Die Carmen von St. Pauli) — UFA.

Jenny Jugo, das estrellas allemãs, é das mais lindas. Depois, além disso, é desembaraçada e realmente photogenica. O argumento, embora dos menos felizes, tem certos trechos bons. Mas Jenny é para outros ambientes... Willy Fritsch faz o galã com desenvoltura. Mas está um pouco theatral... Erich Waschneck dirigiu soffrivelmente.

Cotação: — 5 pontos.

PATHÉ

MOMENTOS DE APURO — (Embarrasing Moments) — Universal.

O ultimo film de Reginald Denny, para a Universal, foi *Bom Na Parte*. Este, era o penultimo. Mas, aqui, é o ultimo a se exhibir, delle, para esta fabrica. Agora, elle está na *Sono Art*, para a qual já fez um film que a critica reputou, como direi... Assim, assim... E, ultimamente, com a M. G. M., para a qual está fazendo *Madame Satan*, com De Mille e, ainda, será o Principe Danilo, da nova versão falada da *Viuva Alegre*, que a mesma fará, com a celebre soprano Grace Moore... Um pouquinho de Reginald Denny, não é?... Mas tudo, creiam, para não falar, mesmo, nos seus ultimos films para a Universal. Andavam simplesmente, simplesmente, mesmo... Elle proprio o diz... Agora, descobriram que elle é barytono de primeira agua. E, é logico, está feito.

Como comedia, é a cousa mais seria que tenho visto... Merna Kennedy, empresta, ao film, toda a falta de vida que tem. Otis Harlan, o eterno companheiro de Reggy, é o mesmo bonacheirão de sempre. William Austin e Virginia Sale, tambem apparecem.

William James Craft dirigiu "a la" Burton King...

Cotação: — 4 pontos.

AZAS DE RAPINA — (Winged Horseman) — Universal.

Este film de Hoot Gibson, está um pouco melhor, embora em sua versão muda. Ruth Elder, é a sua heroina. Vae bem e ajuda as scenas amorosas com Hoot.

Cotação: — 5 pontos.

Passou em "reprise", o film "Sella de Sorte" de Ken Maynard.

IRIS

DE MENDIGO A MILLIONARIO — (Let'er Go, Gallagher) — Pathé De Mille.

Um jornaleiro que tem desejos de ser detective. Elmer Cliffton, foi o director e Junior Coghlan o jornaleiro. Harrison Ford caceteia a gente com a sua cara de páo... Elinor Fair é uma heroina commum e Ivan Lebedeff o villão... Film silencioso.

Cotação: — 5 pontos

Caras felizes e conhecidas que apparecem em "Dias felizes"

O Grande Gabbo

(FIM)

Mary chegou a pensar que o boneco falasse, mesmo, porque não podia comprehender tamanha dureza de coração...

Sahiu.

Gabbo ergueu-se. Apanhou Otto.

— Vês? Ella já se foi...

— E por culpa de quem?

— Bem sei... Mas tu, boneco pavoroso, achas que eu me curvaria diante della?

— Ainda te arrependerás... Eu sei que tu a amas!

— Cala-te!

— Repito! Tu a amas!

—Cala-te!!!

Gabbo ergueu-se, violentamente. Depois, com furia, atirou Otto. Violentamente. A' um canto. E dirigiu-se para a porta. Antes de sahir, voltou-se. Correu ao boneco. Pol-o sobre a cadeirinha delle. Concertou suas roupagens. Tornou a chegar á porta.

— Otto, se me dizes aquillo de novo...

E sahiu.

Tinham lagrimas os seus olhos? Ou era o brilho do genio que ainda lhe illuminava o olhar?...

—oOo—

Dois annos se passaram.

Um grande cartaz, luminoso e immenso. Em plena Broadway. Annunciava.

— HOJE!!! O GRANDE GABBO!!! SENSAÇÃO!!!

E, outra menor, annunciava uma celebre Mary de tal, cantora...

Elle, na vespera, já se tinha encontrado com Mary. Num elegante restaurante. Elle e Otto, ali estavam. Perante todos, extasiados. Completamente estuporados. Gabbo calmamente comia. E Otto tagarelava. Commentava os que entravam. Os que sahiam. Quando Mary entrou, Gabbo comia, sempre. Otto lhe disse.

— Olha, Gabbo!!! E' Mary!!!

Ella se voltou. Vinha em companhia de um rapaz forte. Frank. Mas dirigiu-se á mesa de Gabbo.

— Gabbo!!!

Elle, gentilissimo, sorriso de cynismo, ergueu-se.

— Oh! Nem a tinha conhecido!... Perdoe-me, sim?

— E eu, Otto, tambem não me conheceste?

O boneco, impassivel, respondeu.

— Eu?... Lógo que entraste. Estás mil vezes mais linda... Mas não penses, nunca, que Otto te esquece, um instante que seja...

Frank foi apresentado a Gabbo. Depois, accomodaram-se. Travou-se a conversa. Fez-se camaradagem. Commentava-se a estréa do dia seguinte. Assim passou-se a noite...

—oOo—

Dias se passaram. O successo de Gabbo fôra phenomenal. Elle melhorára. Sempre com novidades. Era, mesmo, a principal figura do espectaculo. Mary, tambem tinha o seu successo. Com os seus bailados e as suas canções.

E dias se passaram.

Gabbo já não supportava aquillo. Sentia que Mary fazia parte delle...

E Otto, a sua consciencia a falar, sempre a atormental-o.

— Vamos, maluco! Sáe desse estupor!!! Arranca-a da companhia daquelle homem!

Gabbo resolveu-se.

Num dos intervallos apanhou Mary, num canto, sozinha.

— Mary... Quero que voltes para a minha companhia!

Sempre era o seu orgulho que impedia que o verdadeiro Gabbo se revelasse...

— Mary...

— Mas, Gabbo...

— Volta! Olha, é a primeira vez em minha vida que eu peço!

— E porque é que queres que eu volte? Não tens quem cuide de ti?

— Não, Mary. Eu e Otto queremos que voltes. Elle, para que cuides delle. Eu... Para que sejas minha esposa...

Mary encostou-se á porta de um camarim. Nunca esperára ouvir aquillo de Gabbo. Ella o amava. Profundamente. E, somente agora é que via o quanto elle a queria, tambem... Mas, Gabbo...

— Sim, Mary! E' demais, guardar tanto tempo isto dentro de mim. Depois, Otto me tem aconselhado tanto... Amo-te!!! Não me vexo de dizer... Quando voltas?

Mary estava pregada ao chão.

— Mas Gabbo...

—O que ha? Não me amas, Mary?

Ella o olhou. Approximou-se delle. Beijou-o. Longamente.

— Gabbo, amo-te demais! Supportei annos de maldade tua! Foste máo, sim!

— Mary... Perdoas-me?

— Sim. Perdôo-te... Mas, Gabbo, agora... Agora é tarde!

Houve um silencio. Gabbo não comprehendia.

— Frank é mais do que meu companheiro de palco. Elle é meu marido...

Gabbo ali ficou. Mary não resistiu mais. Correu para o seu camarim. Derramou-se em pranto.

Gabbo, insensivel, tambem entrou pelo seu camarim á dentro.

Lá, teve a noção do que ouvira. Que brutalidade! Elle! O Grande Gabbo!!! Abandonado. Justamente depois que abatera o orgulho e confessára... Abatido por um rival!!!

Sahiu-lhe da garganta um soluço bruto. Parecido com ronco de féra...

— Otto!!!

Ajoelhou aos pés do boneco.

— Otto!!! Ella me ama! Mas Frank é seu esposo!!!

Esbofeteou o boneco.

— Cachorro!!! Foste tu que me disseste que a procurasse e com ella falasse!!! Vês? E agora? Agora? Quando mais a amo? Quando sinto que não poderei viver sem ella?

Ergueu-se.

Estava terrivelmente abatido. Tinha um extranho brilho nos olhos. A' porta, o contra regra bateu a chamal-o.

— Mr. Gabbo!!! O seu numero. Dentro de 5 minutos!

Gabbo agarrou a porta. Escancarou-a.

— O publico que espere!!!

O contra regra nem lhe ligou.

Gabbo sahiu. Ao fundo, Mary cantava e Frank a acompanhava, nas dansas. Era o final do seu numero. Diante della, o corpo de "girls" bailava. Um dos numeros mais suggestivos da peça. Rapido, como féra, Gabbo arranca pelos bastidores a dentro. O seu aspecto é medonho. Mary cessa o seu numero. Todos se estarrecem.

— Tu... Vem commigo!!!

Frank tenta intervir. Mas elle, como um animal, arruma-lhe profundo golpe que o fére em cheio.

— Vem!!! Ahi não ficarás!!! Eu sinto que endoideço de dôr!!! Mary, tu serás minha!!! E isto precisa acabar!!! Esta musica! Este barulho! Vocês, animaes, não comprehendem que o GRANDE GABBO!!! Soffre?

Atirou-se a Mary. Ella se esquivou, medrosa. O publico já começava a se alarmar. Havia gritaria. Ameaça de desordem. Gabbo, num impeto, atira-se ao meio das "girls". Estes dispersam, com grande medo.

Ahi, tudo acabou. Entraram electricistas. Mechanicos. Todos! Agarraram Gabbo. Arrastaram-no para fóra.

— Deixem-me!!!

Atiraram-no para dentro do camarim. Puzeram dois dos mais fortes vigiando a porta.

Recomposta a ordem, terminou o numero. Mary sahia. Ouviu-se uma medonha gargalhada. Depois mais outra. Uma terceira, emfim. E, arrastando Otto, conversando com elle, desesperadamente, Gabbo sahiu do seu camarim. Olhou todos. Não pareceu conhecer ninguem. E sahiu pelo corredor abaixo.

— Otto! Elles despedir O GRANDE GABBO?... Nunca!!! Nós é que sahimos, não é?

— Sim, Gabbo!!! Vamos para aonde?

Gabbo deu tremenda gargalhada. Acariciava Otto e carregava-o para a rua. Mary livrou-se dos braços de Frank. Apanhou-o, quasi á sahida.

— Gabbo!!!

Elle a olhou, embrutecido. Já chegavam Frank e outros. Afastaram-na dali. Antes de chegar ao seu camarim, ella desfalleceu.

Gabbo e Otto, continuaram descendo Broadway...

Depois, o empresario appareceu diante do publico..

— Respeitavel publico, houve um desastre! Metade das entradas serão devolvidas, quando sahirem. Mas... O Grande Gabbo enlouqueceu!!!

Houve um murmurio de surpresa. Depois entrou um numero comico. O publico entrou a rir.

Não ha tragedia que resista á graça de um artista comico...

(Descripção especial e exclusiva para CINEARTE).

Ramon Novarro quer casar!!!

(FIM)

perder, de nada adiantam estudos ou considerações.

— Não temos muito tempo de vida. E' uma cousa amarga, mas que devemos considerar, sempre. Nunca a vida dura tanto quanto nos parece. Geralmente as verdades a nosso respeito, não toleramos ouvir. Mas devemos, sem duvida, apreciar as nossas intelligencias e assegurar, por meio dellas, successos, embora transitorios.

— Quando chegamos, na vida, naquella encruzilhada que é negra e triste. Porque já nos ameaça com o abandono terrivel e eterno. Ahi, então, queremos a perfeita companheira. Ahi é que nós, artistas, devemos entrar para o amor, para o lar e para a paz. Tudo isso mitiga, sem duvida, a tristeza e o cançasso do passado.

—Por isso tudo é que acho que a mulher deve ter um talento estupendo para se casar.

— Além disso, o que é o casamento sem filhos? E crianças, quando cuidadas, realmente, tomam tanto do tempo e da attenção de uma mulher!

— Quero uma mulher mulher. Uma mulher, cuja domesticidade e amor ao filhos sejam os seus maiores attractivos. As mulheres normaes são assim. Assim é que ellas se mostram, quando ainda pequeninas. Não vivem ellas brincando com bonecas e, sempre, de *donas de casa* e outros brinquedos taes? Nunca se vestem e brincam de baronezas ou de damas da alta sociedade. Brincam sempre de *mãe* e isto é já do instincto sublime que as illumina, já.

— A verdadeira mulher, é aquella que na da mais quer ser para seu esposo, do que a sua eterna e fiel companheira.

— Um homem tem o direito de exigir isso de uma mulher. E ella, por sua vez, tem o direito de lhe pedir eterna fidelidade e devoção.

— A verdadeira mulher, esquece-se de si, para se lembrar, apenas, que é toda de seu marido.

— Tudo isto depende do amor, é logico. E o que de peor ha, no amor, é que, geralmente, uma das partes ama mais do que a outra. Não ha, nunca, por mais que se queira, um completo contrabalançamento de emoções. O que tem mais amor, apesar de tudo, não deve abusar do que ama menos.

— Pode ser que pensem que exijo demais.

Pode ser. Talvez me accusem, tambem, de antiquado e atraso, mesmo, nas minhas idéas.

Mas eu, sinceramente, não acho que seja muito o que estou pedindo. Existem as mulheres que descrevi. Já as conheci, em quantidade.

— Se encontrar uma, assim, que me ame, eu me casarei com ella.

— Sei que o farei, porque já sinto a necessidade enorme de uma esposa!

Como Neil Hamilton venceu

(FIM)

shots devia ter explosões genuinas, mesmo e eu devia morrer *heroicamente*, sob uma dellas, fiquei apavorado, com aquillo e quasi arrumo com machina e tudo ao chão, fugindo do local que devia ser filmado. Para a proxima vez, então, poz-me o director bem afastado da *camera*... ... ..

— Depois disso, passei a figurar num dos films de Mae March, que tinha, ao seu lado, Rod La Rocque. Mae March fazia um papel de caixeira. E eu, um timido comprador que entrava na loja. Perguntava o preço de determinada mercadoria. E sahia, depois...

— Depois disso, figurei num film ao lado de Tom Moore e, tambem, em outro ao lado de Magde Kennedy.

No anno seguinte, sob a direcção de William Nigh, trabalhei no elenco do film *The Beast of Berlin*. E, tambem, ao lado de Marion Davies em *The Restless Sex*. Neste, eu fazia um especialista em *travestis*...

— Já se faziam mais faceis, as cousas. Os chamados já eram mais constantes e mais certos. Ganhava-se mais, mesmo. *The Great Romance*, afinal foi um dos primeiros films em que tive papel bem melhor. Harold Lockwood era o principal e Rubey de Remer a estrella. O film era da Pathé.

— Figurei em *Tommy, o Sentimental*. E, mais tarde, para a Vitagraph, em *O Leão e o Rato*, com Alice Joyce e Conrad Nagel. Tambem figurei em films de Harry T. Morey e, ainda, em films de Francis X. Bushman. Earl Williams e dos fallecidos Sideny Drew e sua esposa.

— Por esta epoca, escrevi uma carta a Lois Weber e enviei-lhe minha photographia. Respondeu-me ella attenciosa. Disse-me que nada podia fazer, em meu beneficio, presentemente. Mas que, se pudesse, que a procurasse. E, assim, por intermedio della, iniciei, verdadeiramente, o meu papel real no Cinema.

— Depois disso. Tive mais algumas peripecias. Dellas sempre me sahi mais ou menos bem. E, finalmente, quando *Beau Geste* foi mostrado ao publico, a critica salientou meu trabalho. E, depois delle, minha estrella sempre melhorou.

— Hoje, felizmente, sou dos galãs que menos tempo tem... por causa dos trabalhos... Não é isto uma sorte?

Aqui está a rapida biographia de Neil Hamilton. Ou antes. Um resumido trecho da sua carreira. Para que os *fans* saibam a quantidade de annos que este moço lutou para ser, finalmente, aquillo que hoje é, no Cinema yankee.

Cinema de Amadores

(FIM)

o maximo de "suspense", por intermedio de uma metragem proporcional ao valor dramatico esperado.

Outro principio decorrente dessas regras é que os actores principaes devem apparecer em metragem maior do que o resto do "cast". As estrellas de Hollywood vigiam com olhos de aguia os proprios scenarios. E' sabido que alguns contractos especificam o numero de "close-ups" em que o artista deve ser visto.

Eis uma lição que precisa ser aprendida pelo director-amador. Quantas vezes, no Theatro, um actor famoso fica esperando pelo segundo acto, para poder entrar em scena?

Neste caso, todos os outros actores theatraes estão falando a seu respeito, construindo um verdadeiro "suspense" destinado para a sua entrada em scena, isto é, o equivalente dessas pausas de que vimos falando. No Cinema porém isso é difficilmente realizavel, devido ás leis da attenção. Os actores principaes devem ser apresentados primeiro do que os outros, *porque o publico se recorda melhor do que viu primeiro, do que viu durante mais tempo, e do que viu até o fim*.

Em resumo, as funcções do director são justamente oppostas as funcções de todo e qualquer membro do "unit". Aquelle procura facilitar o trabalho, facilitando o material, qualquer que elle seja; ou arranjando o scenario, ou fazendo a distribuição, ou escolhendo os "props", ou arranjando os "sets" e locações, ou preparando uns "shots" artisticos com a camara.

O director, ao contrario, procura exaggerar as condicções normaes do trabalho, alternando a acção com pausas, especialmente destinadas a ferir as emoções humanas.

A MARSELHEZA

(FIM)

Rouget revolta-se. Mas não tem tempo para falar. E' manietado. Ao passo que Marie, pobre, já é conduzida para a carroça que a levará para o degredo perpetuo.

Na prisão, reflectindo sobre toda a monstruosidade daquella injustiça. Rouget tambem se revolta. Seu espirito. Agitado. Cheio de mil apprehensões. Cheio de duvidas. Luta! Desespera-se. E, afinal, comprehende as necessidades do povo e as crueldades daquelle Rei sem alma. E, unico meio que acha para vasar o seu odio e o seu enthusiasmo, agroa desperto, é compor. E, assim, ao cabo de dias de meditação profunda, compõe elle *La Marseillaise*, a canção que o iria immortalisar. O hymno terrivel que seria, para todo o sempre, o hymno estupendo da nação heroica da França...

Rouget, afinal, é perdoado. O seu exemplar comportamento. De antes e depois da prisão. Permittem-lhe esta concessão Principalmente porque o Rei e a Rainha admiram muito a voz e o bom gosto do compositor de Lisle... E, além disso, sabiam, perfeitamente, que elle, na prisão, tinha composto nova obra de gosto musical intenso...

Reune-se a corte.

E, no momento em que Rouget de Lisle deve cantar, todos fazem silencio e reina grande emoção naquelle ambiente todo. Afinal, depois de momentos de hezitação, contemplando aquelle povo todo, Rouget arrebenta com as primeiras notas. *Allons enfants de la Patrie!* e, em poucos minutos, ouvia-se. com grande escandalo e grande balburdia e estupefacção, aquelle hymno cheio de impeto. Escripto com a força de um grito de revolta. Com colera e com odio!

O que houve ali, depois, foi uma balburdia immensa. Gente que corria. Gritos. Berros.

— Prendam! Prendam esse homem!

Mas elle já estava longe e, resoluto, uniase ao povo, tambem e ia procurar a sua Marie, a *La Torche* da revolução...

—oOo—

Defronte á Bastilha, reunia-se o publico todo. Ia ser executada *La Torche*. E o povo, cheio de odio, ali estava... Mas, ameaçadores tambem ali estavam os soldados do Rei... E, assim, approxima-se o momento tragico. Bazin, no momento em que Marie sáe, sobre a carroça, para o local da execução, é alvejado por um tiro e morre. O povo é espaldeirado. E já toma resolução de se submetter, mais uma vez, ao peso das patas de cavallos e a brutalidade dos guardas, quando, á frente dos homens de Marselha, cantando a Marselheza, Rouget de Lisle surge, na praça e, junto aos outros, agora já cheios de nova fé, liquidam os soldados do Rei e apossam-se da Bastilha...

Horas depois, quando ainda reinava a orgia e a loucura daquella victoria immensa. Rouget de Lisle ainda tinha Marie Marnay, a *La Torche*, entre seus braços e seus labios nos della...

Canta isso dizendo..

(FIM)

— Mamãe quasi desmaia de alegria. Havia finalmente, uma cantora de blues, na familia...

Lillian foi immediatamente contractada. E, mesmo, tempos depois, era o successo maior do espectaculo, com o seu numero de blue.

— Vê, meu caro amigo, que, afinal, nisso tudo ha alguma mentira, não é? Eu, na verdade, não sei distinguir uma nota musical que seja. Sem acompanhamento, não posso me manter em pé sobre uma afinação... Mas, ouvindo a musica, decoro-a, artigo primeiro. Depois, artigo segundo, os versos. E, finalmente, acompanhada, devidamente, canto as minhas couzinhas... Já pensei em estudar canto. Em entrar para a opera. Etc. Mas para que? Para engordar? Para perder a popularidade com o publico e conseguil-a, ao contrario, com os novos ricos? Não...

Mas, apesar de tudo, Lillian ainda quer ser uma artista dramatica de vulto. E sua mãe, com uma das suas ambições realisadas, pensa, agora, realisar essa, tambem.

— No Cinema, afinal, nada tenho feito, ainda, que me eleve... O que fiz eu em *Alvorada de Amor?* Cahi e tornei a cahir. Sonhava com um galã. Deram-me Lupino Lane... Na verdade, um admiravel comico e um excellente companheiro. Mas... romantico?... Mas, quando li as criticas e tanto falaram no meu nome, comecei a pensar que eu é que estava errada...

Quando engajaram-na ao elenco de *O Rei Vagabundo*, Lillian foi apresentada ao director Ludwig Berger.

— O que?

Disse elle.

— Eu procuro uma Pola Negri e mandam-me uma... Louise Fazenda?...

Mas, creiam bem pouco custou a Lillian para provar ao director allemão que, á sua vontade, tanto poderia ser Louise Fazenda, quando Pola Negri...

Lillian é delicada. Meiga e bôazinha

— Para *O Rei Vagabundo*, precisei emmagrecer mais. Porque o director, afinal, o que queria era uma mulher *voluptuosa*... E, para *Honey*, ainda tive que augmentar a diéta, para me manter dentro do papel que me cabia.

Antes da Paramount a descobrir para *Alvorada de Amor*, no Ziegfield Roof, os outros productores, todos, abaixavam os seus pollegares ás suas opportunidades no Cinema...

— Nem pode imaginar a quantidade de *tests* que tirei! A M. G. M., procurou-me. Disseram-me: fique em pé! Tire o chapéo. Olhe á direita! A' esquerda! Diga alguma cousa! Perdi a cabeça. Disse-lhes alguma cousa, ali mesmo. E, depois, terminei assim: Olha, se me querem ver, venham até ao Ziegfield Roof, ouviram? Mas elles nunca foram... Mas... Tempos depois a mesma M. G. M., ia emprestal-a, á Paramount, para figurar em *Madame Satan*, ao lado de um elenco escolhido e dirigido por Cecil B. De Mille...

A Fox, foi outra que torceu o nariz ás suas opportunidades Mas a Paramount, talvez por estar procurando alguem do seu typo, mesmo, contractou-a e, logo depois, via a sorte de bom negocio que tinha feito...

(Termina no fim do numero)

O Bispo Mysterioso

(Conclusão do numero passado)

Continuaram conversando. Depois, Pardee os deixou. Dillard tambem voltou para casa. E, quando Drukkard voltava, tambem, foi apanhado por suas mãos fortes, enluvadas, que o agarraram e arremessaram violentamente ao sólo. Quando o corcunda quiz reagir, estava desarmado. Roubaram-lhe o revolver... E, minutos depois, em consequencia da tremenda pancada, elle morria...

—oOo—

No dia seguinte, havia, nos jornaes, uma nota.

— Elle foi atirado á parede. Elle teve uma grande quéda. O Bispo.

—oOo—

Este ultimo assassinato poz Vance e Markham em grande admiração. Os detectives fizeram os seus *reports*. Dillard achou-se em casa, dez minutos depois. Pardee, permanecera no parque por mais uma hora. E Mrs. Drukker, coitada, morrera immediatamente, de choque, depois de saber da morte de seu filho...

Averiguando tudo, descobriu Vance que a velha morrera, tentando evitar que o assassino de seu filho, roubasse, da mesa do mesmo, alguma cousa que lhe interessava e que, de facto, não mais ali se achava, porque o movel estava arrombado e remechido e os papeis que ali permaneciam, eram todos sem importancia.

Encontraram Dillard seriamente derrotado pela morte de Drukkard. E pela successão ininterrupta de factos semelhantes.

— A noite passada elle não estava bom, mesmo! Mostrava-se muito inimigo de Pardee. Advertia-o, sempre, sobre os seus fracassos, no xadrez. Depois, disse que queria ficar só. Foi ahi que o deixamos. Pardee afastou-se sozinho. Para curtir sozinho a dôr do seu orgulho abatido. Drukker... Pobre amigo! Lastimo não o ter acompanhado, deixando-o só...

— Oh, Mr. Dillard. Eu já ordenei ao sargento Heath que trouxesse aqui Mr. Pardee. Não deve demorar...

— Mas, Mr. Vance, palavra que não quiz arrumar suspeita alguma para os hombros delle!

— Oh, não se preoccupe! Apenas os quero defrontar.

Pardee chegou.

— Meu amigo. Pode dizer-me porque chegou tão tarde á sua casa, depois de ter deixado Dillard e Drukker?

— Porque... Isto é... Fiquei sentado defronte a rua 79 e fumei um cigarro...

— Mas, Mr. Pardee, fumar um cigarro numa noite assim ennevoada?

— Estava perturbado pela derrota da vespera... e... palavra. Não senti a garôa...

Chegava Arnesson.

— Com effeito, Mr. Vance! E' demais, não acha? Mais um crime! E, afinal, liquida-se assim a familia Drukker, toda...

Dillard lançou-lhe um olhar profundo e sahiu.

— Disse-me o Sargento Heath, Arnesson, que esteve pelo parque, ás 10 horas, mais ou menos. Quer me dizer porque é que não regressou logo depois?

— Porque atravessei o parque todo para por uma carta no correio.

—E para aonde era endereçada a carta?

— Para a China. Para um dos meus exalumnos, hoje na Universidade de Pekim, como mestre.

Vance, que não prestava grande attenção ao interrogatorio que Markham fazia, interrompeu.

— Qual era a formula scientifica na qual trabalhava Drukker?

— Oh! Era uma formula de grande e capital importancia! Havia de o tornar rico e prospero.

— Naturalmente trazia isso num caderno, não é?

—Era, sim. E dentro do seu bolso interno é que o guardava, aliás!

— Sargento Heath! Vê se me arranja esse caderno! Depressa antes que summa!

—oOo—

Pardee procurou Dillard, aquella noite. Conversaram, longamente, sobre o crime de Drukker. Era o ultimo a preoccupal-os.

Depois Pardee retirou-se. E Dillard se recolheu.

Arnesson acompanhou Belle até ao fim da escada.

— Arnesson, quem é que guarda a chave da porta lá de cima?

— Ora, querida, deve ser Pune, o mordomo!

— Sabes... A noite passada pareceu-me ouvir rumor de a querer abrir, para o meu quarto...

— Vamos! Andas nervosa. Esquece isso! Temes alguma cousa ao meu lado? E não me podes chamar se ouvires algo de anormal?

— Tens razão... Acho que são meus nervos. Perdoa-me!

Arnesson beijou-a.

Belle subiu.

Depois ella fechou a porta atraz de si.

—oOo—

Na manhã seguinte, Philo Vance era chamado ás pressas.

Morto, sobre sua mesa de xadrez, Pardee fôra encontrado. Tinha uma bala no meio do craneo. E, diante delle, embutido numa guarita de cartas de um baralho novo, occultava-se um bispo preto...

—oOo—

A graça do film aqui está. Quem é o Bispo?

Dillard?

Arnesson?

E Belle? Será Belle?

Ou Pyne, talvez?...

Não é licito contar. Tirar o sabor de mysterio que ha no que se segue.

(F I M)

Uma Noiva para Dois

(Conclusão do numero passado)

Ainda fingem que não se conhecem. Barbara põe-se a ouvir. Bentley canta. Os versos são para ella... Ella os sente, sob a mascara do indifferentismo em que estava...

—oOo—

Barbara Pell, repetimos, era de narizinho arrebitado... Queria tirar a vingança do mutismo e da frieza daquelle garoto...

E lá vem o edital.

— Aquelles que não forem approvados nos exames de inglez. Não tomarão parte nos jogos sportivos!

Prompto!

Ninguem ligou áquillo. Mas Barbara sabia aonde feria.

Mezes passados, com espanto de todos, Bentley era reprovado. Barbara bem que conhecia o seu fraco...

E, assim, mais uma vez periclitava a saude da Pelham, no seu proximo encontro com a Oglethorpe...

—Mas Miss Barbara! Elle é o capitão do team! O que faremos para vencer, sem o seu auxilio?

Barbara dá de hombros. Acha que o programma deve ser mantido...

Ha aborrecimentos...

—oOo—

Depois. Barbara começa a negociar, em segredo. A venda do collegio ao dr. Oglethorpe. Director do collegio vizinho.

Tudo prosegue bem. Na vespera do jogo, vespera tambem de fecharem o negocio. Barbara o procura.

— Caro Dr. Trago-lhe uma proposta. Acceita-a?

— Qual é?

— Apostarmos... Se Pelham perder, vendo-o a si pelo preço que offerece. Se ganhar... Annexaremos a Oglethorpe...

Oglethorpe pensou. Elle sabia que Bentley estava suspenso. E que, sem Bentley, não havia possibilidades da Pelham vencer...

— Acceito!!!

Barbara sáe.

E, immediatamente, organisa as bancas examinadoras. E, em minutos, Bentley era sujeitado a novo exame. E' approvado. Porque estudára, naquelles mezes que mediaram. E, assim, já se achava prompto a voltar para o team...

Barbara é que não contava com a desforra de Bentley. Amesquinhara-o. Aviltara-o. Tirara-o do team por um capricho — Agora, por uma aposta, punha-o, novamente...

Não!

Nunca!

E entraram os teams em campo. E começou a luta.

E, aos olhos de Barbara, abatida, começou a desfilar a fieira de pontos que Oglethorpe conquistava. Pelo jogo fraco de Bentley. Pelo seu pouco caso. Que, agora, comprehendia ella ser a vingança do rapaz que ella menosprezara e tratara como uma criança...

Entre um tempo e o outro. O orgulho de Barbara quebra-se.

— Bentley! Peço-te! Não me faças passar pela vergonha de ter que entregar este collegio á Oglethorpe. Pelo preço pequeno que elle offerece! Sou eu que te peço. Vês? Humilho-me. Peço-te, mesmo, que perdoes...

Iam os team entrar, novamente.

Ella agarrou a cabeça de Bentley, entre as mãos. E, num impeto. Violentamente. Beijou-o e sahiu, correndo.

Maluca...

Nem viu que podia ter morto o pobre rapaz...

Ah!!!

Agora!!!

Beijado. Daquella maneira!!!

Não! Oglethorpe, você é sôpa!

Até o professor Percy, beijado por Barbara era capaz de jogar como um leão...

E, nem podia ser para menos. Bentley desandou a jogar. Jogou. Jogou. Jogou. Até aborrecer...

Antes que termine esta historia. E' preciso que lhe accrescente o ultimo capitulo.

Barbara procurou Bentley. Elle vinha sobre os hombros da torcida.

— My love!

— Sweetie...

Todos se retiraram.

Bentley cantou. *Sweetie*... Barbara tambem cantou...

Depois...

Beijaram-se, sim! Não amolle!

Que tal?

O que?

Se se casaram?

Arre!!! Você quer saber de uma cousa?... Pergunte á elles!

(Especial e exclusiva para *"Cinearte"*).

O Que eu Sou...

gum tempo livre, completamente. E, quando se ama, pode-se lá ser livre?

— Já tive o bastante das cousas e dos acontecimentos. Quero tomar folego. Ser um pouco eu mesma, mais livre...

— Jamais conheci do amor que os poetas cantam. Pode ser que exista. Mas acho que a pessoa beneficiada, afinal, é uma, entre mil...

— No caso geral, porém, acho que se sempre se toma o que está mais a mão. Quando um homem está morrendo, num deserto, faz o que puder para matar a sêde. Assim é que acontece comnosco, sedentas de amor...

— Quero a liberdade!

— Para tirar, da vida. aquillo que eu quizer!!!

Novidades Brunswick - Julho - 1930

DISCOS Brunswick

CARIMBO DE OURO

ANNA A. MELLO C/ORCHESTRA BRUNSWICK

10077 — A — *Paginas do coração* — Valsa — Jota Machado

B — *Amor cruel! Passo!* — Chôro-Canção — Jura de Araujo

DESAFIADORES DO NORTE

10069 — A *Quando eu nasci* — Embollada — J. Jannyni — Canto pelo autor

B — *Minha famia* — Embolada — J. Jannyni — Canto pelo autor

10071 — A — *O trem vae chegar* — Embolada — Minona Carneiro — Canto pelo autor

B — *Feiticeira* — Samba-Embolada — Paiva Franklin — Ruth Franklin

10073 — A — *Meu Girasol* — Marcha-Lundú — Minona Carneiro — Canto pelo autor

B — *Bataião Navá* — Samba-Embolada — J. Frazão — Minona Carneiro

GRUPO DO NELSON (Violões e Saxophones)

10075 — A — *O bello e a bella* — Chôrinho — S. Rangel

B — *Sempre é* — Chôrinho — Nelson Alves

ILDEFONSO NORAT com ORCHESTRA BRUNSWICK

10076 — A — *Samba Maria* — Samba — Ildefonso Norat

B — *No palacio das necessidades* — Samba — Norat — Lacerda

SEBASTIÃO RUFINO com ORCHESTRA BRUNSWICK

10074 — A — *Jura desfeita* — Samba — Sebastião Rufino

B — *Rosa não chores* — Samba — H. Prazeres — Sebastião Rufino

SÓLO DE VIOLÃO

10072 — A — *Naná* — Tango — H. Britto — Sólo de violão pelo autor

B — *Alice* — Valsa — H. Britto — Sólo de violão pelo autor

YOLANDA OSORIO com ORCHESTRA BRUNSWICK

10070 — A — *Terra dos Navá* — Samba-Fox — H. Vogeler

B — *Signarsinho de Yôyô* — Samba — Vogeler — Rocha

REPERTORIO ARGENTINO

6000 — A — *Farol de los Gauchos* — Samba Argentino — Orchestra Typica Donato Zerrillo

B — *Rodriguez Peña* — Tango — Orchestra Typica Julio de Caro

6001 — A — *La Reja de Mi Morena* — Paso doble — Jazz Sam Liberman

B — *Nancy* — Fox-Trot — Jazz Sam Liberman

6002 — A — *Polilla* — Tango — Orchestra Typica Donato Zerrillo

B — *Batida nocturna* — Tango — Orchestra Typica Julio de Caro

6003 — A — *Saludo a Buenos Aires* — Canção — Duo Magaldi — Noda

B — *En el silencio de la noche* — Canção — Duo Magaldi — Noda

REPERTORIO NORTE-AMERICANO

4015 — A — *Hang On To Me* — Fox-Trot do Film "Marianne" Orchestra Hotel Mt. Royal

B — *Blondy* — Fox-Trot do Film "Marianne" Orchestra Hotel Mt. Royal

4016 — A — *Sally* — Fox-Trot do Film "Sally" Abel Lyman e sua Orchestra California

B — *If I Am Dreaming* Fox-Trot do Film "Sally" Abel Lyman e sua Orchestra California

4017 — A — *South Sea Rose* — Fox-Trot do Film "South Sea Rose" A. & P. Grypsies

B — *Only The Girl* — Fox-Trot do Film "The Painted Angel" A. & P. Grypsies

4018 — A — *If I Can't Have You* — Fox-Trot do Film "Footlight And Fools" Orchestra Gordon

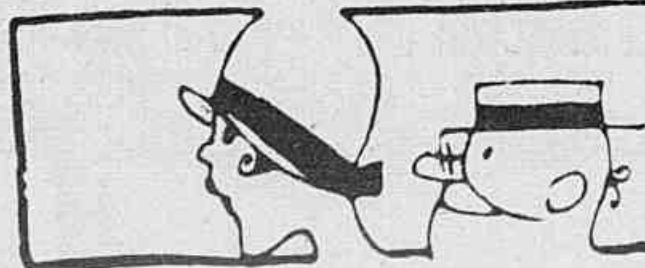
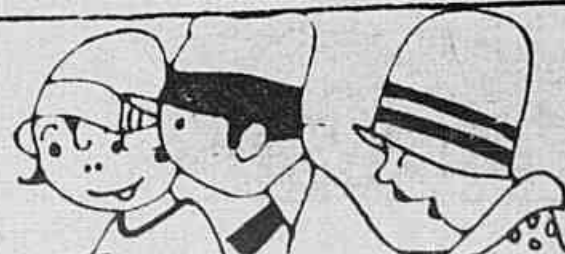
B — *You Can't Believe My Eyes* — Fox-Trot do Film "Footlight And Fools" Orchestra Gordon

A Rosa dos Mares do sul

(FIM)

Retirou-se.
Não conseguiu dormir.
Na manhã seguinte, Rosalie o despertou.
— Briggs. Tu não me poderás comprehender!
Sentou-se á beira do seu leito. Acariciou-o. Elle pensou estar sonhando. Agarrou-a. Bejjou-a.
— Sáe!!!
Lembrava-se da vespera.

— Sáe!!! Tens a peçonha da vibora!!! Sáe!!!
E resolveu partir.

Rosalie sahiu.
O seu espirito era cheio de exquisitice... Amava Briggs? Amava Winston? Ah! Winston... Como era delicado. Meigo. Cheio de phrases assucaradas e bonitas! E Briggs? Forte! Sincero! Tambem tão amoroso. Embóra tão rude e desprotegido de cerebro... Qual? Winston? Briggs?
Ainda sentia o beijo de Briggs. Beijo que sempre parecia trazer saudade. Sempre novo.
Mas lembra-se do assucarado dos labios de Winston... Das suas caricias que eram mais mornas do que uma tarde dos Mares do Sul... E mais romanticas do que um pôr de sol...
Hezitava...
A' noite, resolveu. Foi procurar Winston. Ia dizer-lhe que o amava. Mas que

tambem amava Briggs. Que Briggs era seu marido. Que queria viajar. E, assim, seguiria com elle.

* * *

— Não, Rosalie! Não irás!!! Eu não te deixo partir!!! Se fôres, irei comtigo. Como hei de viver sem ti?

Era Winston. Atormentado. Cheio de loucura. Abraçando-a como se abraçasse uma tabôa de salvação...

Depois houve qualquer cousa de surdo. E os passos de Briggs.

Entrou.

Winston quiz apanhar sua arma. Era tarde. Porque Briggs já a tinha entre os dedos.

— Vamos, canalha!!! Tomaste-me tudo que me restava, na vida! Mas agóra...

Deu ao gatilho. Ouviu-se um estampido. Mas era Rosalie que tombava, Ferida, mortalmente.

— Rosalie!!!

Ambos exclamaram. E, naquelle momento, justaram seus carinhos numa exclamação só.

O que se passou, depois, foi rapido. Ella os olhou. Já lhe faltava muito daquella vida que a fizéra a paixão de ambos...

— Tu, Briggs... Tu, Winston... Apertem-se as mãos!

Elles o fizeram.

— Sabem. Eu... Nada mais fui, afinal, do que a mulher que não teve decencia...

Houve um silencio.

— Eu te queria, Briggs. Na tua força de hercules. No teu coração leal. E a ti, Winston. No romantismo das tuas palavras. No doce dos teus labios...

Elles não falavam. Ouviam, aquillo. Commovidos. Talvez, ali, agóra, comprehendessem aquella mulher de fogo. Mixto de mal e bem. Que á ambos queria. Que á ambos amava...

— E, promettam, não serão inimigos.

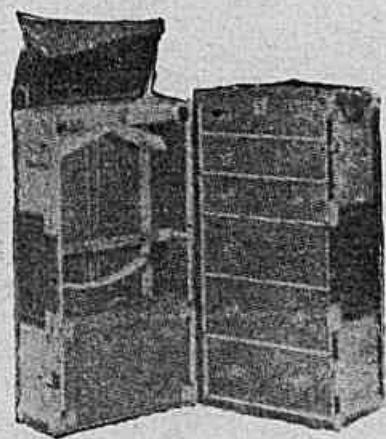
Elles prometteram.

— Sabem... Era melhor assim, mesmo! Eu seria a tua desgraça, Briggs! Nasci para ser selvagem. Livre. De extincto. De coração. Tu... Ainda te farias assassino. Muitas vezes. Ainda te farias um farrapo humano... E tu, Winston, eu arruinaria tua carreira. Seria a tua desgraça. O fim de todos os teus sonhos. Foi melhor, não é?... Vocês promettem que não me esquecem?

Mal falavam. As lagrimas occupavam suas gargantas e olhos...

— Vamos! Não chorem! Quero que se despeçam de mim, com a lagrima convertida em riso! Vamos!

Sorriram.

— Briggs! Tens o primeiro direito. És marido... Beija-me! com força! Assim!!! Quero levar tua alma commigo...

— E tu... Winston... Beija-me tambem! Assim!!! Sempre o mesmo Winston, suave e romantico, não é?

Ambos já suffocavam. Aquillo era demais!

— Vocês dois, para mim, eram um só. O meu ideal! Não me esquecerão, eu sei! Deixei tanto de mim, dentro dos meus beijos. Dentro de minhas caricias... Tu, Briggs, parte! Se te apanham, serás preso. Dá-me esse revolver, Winston.

Ella o tomou. Agarrou-o.

— Agora, sinto que me vou. Olhem! Não se queiram mal, sim? A culpa era toda minha... Elles vão pensar que eu me matei. E será melhor.

Não falou mais. Sorriu. Depois, apertou as mãos de ambos. Estremeceu.

Estava morta.

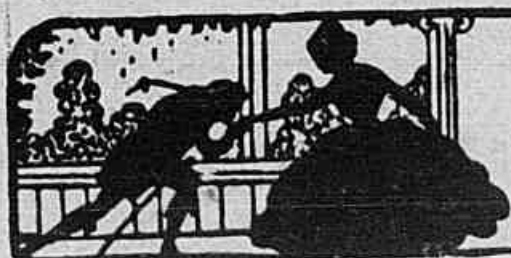
Sahiram ás pressas.

Ambos se ergueram.

Um, para o seu camarote, na escuna.

Outro, para o seu leito, no seu quarto.

Naquelles soluços. Brutos. Choravam e sentiam, unidos na dôr. Saudade da mesma mulher...

(Descripção especial e exclusiva para **CINEARTE**)

Leiam *"O Malho"* do proximo sabbado.

Canta isso dizendo...

(FIM)

A unica pessôa com a qual Dennis King se deu, lógo, no **lot**, foi Lillian. E a unica que ainda tem a censura de Ernst Lubitsh, é Lillian, tambem...

Sim. Porque Ernst a ouviu cantando, no Ziegfiel Roo. Depois, conheceu-a e trabalhou com ella, por sua escolha, aliás E, assim, comprehendia, logo, que Lillian estava longe de ser a sapequinha que sonhára e, sim, era uma creatura meiga e boazinha, facil de manejar e de muitos bons costumes...

SUA CUTIS SE HA EMMURCHECIDO?

Ha mulheres que pensam que sómente aos dezesete annos é que podem exhibir uma cutis perfeita Estão equivocadas. Muito tempo depois dos quarenta, toda dama póde ostentar, se o quizer, uma cutis tão formosa como a de uma joven de vinte annos. O que occorre é que á medida que passam os annos a cuticula envelhecida exterior vae cada vez mais se adherindo á pelle; é preciso fazel-a cahir d'ahi. Isto se logra facilmente applicando á cutis, todas as noites, Cera Mercolized Esta substancia se encontra em toda pharmacia. Não deve ser olvidado que toda mulher possue debaixo da sua envelhecida cutis uma nova e formosa, que está á espera de ser trazida á superficie. E nisto consiste o segredo do "porquê" nunca envelhecem as actrizes e "estrellas" do cinema Por que não faz tambem a prova?

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

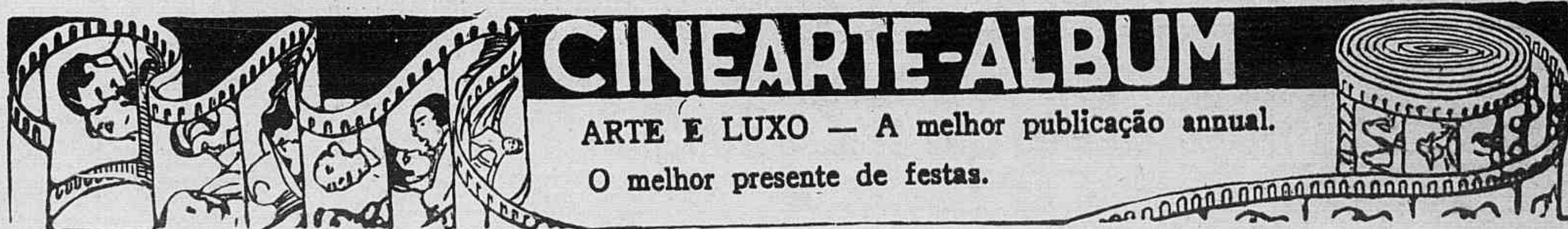
Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual o semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21 Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

Off.s Graph.s d'O MALHO